

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

FRANCISCO GOMES
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória de Manguinhos

Entrevistado – Francisco José Rodrigues Gomes (FG)

Entrevistadores – Luiz Fernando Ferreira da Silva (LF), Paulo Gadelha (PG), Thereza Cristina Tavares, Wanda Hamilton (WH)

Data – 09/12/1985 e 09/01/1986

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 4h40min

Resenha biográfica e Sumário – Elaine Kabarite Costa

Conferência de fidelidade – Wladimir Olezos

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

GOMES, Francisco José Rodrigues. *Francisco Gomes. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória de Manguinhos*, 1985-1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 53p.

Resenha biográfica

Francisco José Rodrigues Gomes, conhecido por muitos como Chico Trombone, nasceu em 17 de março de 1911, no Rio de Janeiro. Em 1918, seu tio, técnico de laboratório do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), levou-o a Lassance, Minas Gerais, região endêmica onde Carlos Chagas descobriu o *Trypanossoma cruzi* da doença batizada com seu nome: doença de Chagas.

Nesta ocasião, Francisco Gomes capturou um gambá que ameaçava a tranquilidade dos cientistas. Carlos Chagas, ao examinar o sangue colhido da orelha do animal constatou a presença do *Trypanossoma cruzi*, que até então supunha-se ser o tatu seu único hospedeiro.

Após essa experiência, alguns anos se passaram e, em 1925, com 14 anos, Francisco Gomes ingressou no IOC, onde iniciou suas atividades como técnico de laboratório. Trabalhou em várias seções e oficinas, como as de entomologia, fisiologia, carpintaria e vidraria.

Em 1932, foi para Belo Horizonte, onde durante um ano estudou e trabalhou ao lado de Otávio Magalhães, desenvolvendo pesquisa com cobras para a produção de soro antiofídico no Instituto Ezequiel Dias.

Voltou para o Rio de Janeiro após a morte de Carlos Chagas, em 1934, e permaneceu no IOC até 1970, quando requereu sua aposentadoria. Depois de aposentado continuou no IOC, trabalhando sem remuneração com Gilberto Villela, na Divisão de Química.

Atualmente, prossegue seu trabalho como auxiliar de pesquisa no Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica da fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), ao lado do cientista Haity Moussatché, e como auxiliar de ensino da Faculdade de Medicina de Teresópolis e da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Sumário

Fita 1 e Fita 2

O trabalho aos sete anos com Carlos Chagas em Lassance (MG); o ingresso no IOC em 1925; o estudo e o trabalho com Otávio Magalhães no Instituto Ezequiel Dias (MG); o retorno ao IOC após a morte de Carlos Chagas; o trabalho na seção de fisiologia com Miguel Osório de Almeida; o contato com pesquisadores e moradores locais durante o trabalho de campo; perfil de Carlos Chagas; o entrosamento da equipe de trabalho do IOC e a dedicação às pesquisas; as campanhas no Nordeste com Evandro Chagas, Olympio da Fonseca e Álvaro Lobo; o trabalho com Geth Jansen no combate à esquistossomose; a admiração por Joaquim Venâncio; a descoberta acidental do diagnóstico de gravidez por Joaquim Venâncio; as motivações de caráter pessoal como causa das perseguições de Rocha Lagoa aos pesquisadores; os inquéritos militar e administrativo no IOC e o caso do “vatapá subversivo”; comentários sobre o IOC após 1964; perfil de Walter Oswaldo Cruz, seu trabalho e relacionamento com a administração Rocha Lagoa; a relação do grupo de cassados com outros cientistas do Instituto; os vínculos do IOC com a Fundação Rockefeller durante a gestão Henrique Aragão.

Fita 3 a Fita 5

A campanha contra a doença de Chagas em Araxá (MG); a relação fraternal entre os pesquisadores do IOC; a experiência de trabalho com Thales Matias; comentários sobre a direção de Cardoso Fontes; a gestão Henrique Aragão; o programa de fabricação de penicilina; a incorporação da fundação Rockefeller ao IOC; o fim da verba da vacina contra a manqueira; o trabalho com Evandro Chagas; comentários sobre as três primeiras gerações de pesquisadores; a transformação do IOC em Fundação em 1970; os inquéritos militares no IOC após o golpe de 1964; os motivos de caráter pessoal das cassações; a transferência dos pesquisadores não-cassados em 1970; a decadência do IOC como consequência das cassações e transferências de pesquisadores; o pedido de aposentadoria devido às perseguições sofridas; o trabalho voluntário com Gilberto Villela pós a aposentadoria; a proibição de entrar no IOC depois de aposentado; opinião sobre a recuperação do Instituto durante a gestão Sérgio Arouca.

Data: 09/12/1985

Fita 1 - Lado A

PG – Hoje o nosso entrevistado é Francisco Gomes, mais conhecido como Chico Trombone. A entrevista se realizou no dia 9 de dezembro de 1985, às 14:30, com a presença, além do entrevistado, de Luiz Fernando, vice-presidente de Recursos Humanos; Paulo Gadelha, coordenador da Casa de Oswaldo Cruz e Wanda Hamilton, responsável pelo setor de História Oral da Casa de Oswaldo Cruz. Participou também da entrevista Cristina Tavares, assessora da Presidência.

PG – Ô, Chico – eu vou te chamar assim de Chico Trombone, porque é a forma como você se notabilizou, né?

FG – É.

PG – Mas ha uma coisa que é muito rica aí na tua história, que é já com 7 anos não é, você ter ido trabalhar lá com o Carlos Chagas. Como é que é essa coisa – de tua infância e dessa chegada aí nesse trabalho?

FG – Olha, eu tinha um tio que era... acompanhava Carlos Chagas em todas as expedições que ele fazia a Lassance, né?, quando estava no princípio da descoberta da doença de Chagas. E ele, como era um homem do mato, né, então, ele foi escolhido por Carlos Chagas pra ser acompanhante dele. E ele vivia lá em Lassance e três ou quatro vezes por ano ele vinha ao Rio em busca de material, para renovar o material, pra levar novamente pra Lassance. E uma das ocasiões, ele foi na minha casa pra visitar a família, e eu estava nessa época com 7 anos de idade, eu tava muito magrinho, então ele achou por bem ir lá pra um lugar... e sem noção do perigo que corria também, né? E, como lá, se dizia que se o sujeito mudasse de ares melhorava, tinha fruta, tinha essas coisas mais variadas, então ele achou por bem falar com minha mãe e me levar pra lá, mas não medindo a extensão do perigo que eu corria lá, que era um lugar endêmico. E então, quando eu cheguei lá no acampamento, o Carlos Chagas ficou bravo com ele: “Então você traz uma criança pra aqui, um lugar desse, você não sabe a extensão da... dessa doença aqui”. Depois ele não tem uma noção de se precaver contra essas coisas todas”. – Ah, o menino tava magrinho e al. Disse: – bem, mas na próxima viagem que você for, você leva ele de volta”. Aí ficou combinado assim. Então o meu tio, naquele tempo, por questão de... criança não dormia com adulto, né, então meu tio teve que armar uma rede numa barraca pequena separada da barraca do acampamento, das duas... das três barracas do acampamento. E eu ficava, eles enquanto iam pro mato de manhã, arriava... a tração, era burro, porque burro tinha força pra subir ladeira, então eles arriavam os animais e iam pro mato bater cacua – cacua é aquela casa de sapê (umas fotografias de cacua ali) – e iam bater cacua, procurar doente, procurar animais possivelmente portadores de *Trypanossoma cruzi* e eu ficava tomando conta das panelas, da comida. E... na segunda noite logo, um gambá fez um ninho na árvore onde tava amarrada a minha rede, né, e me perturbou a noite inteira, porque gambá é um bicho noturno, faz tudo de noite, come, cruza, então de noite foi aquela briga de macho e fêmea lá no ninho. Eu não conseguia dormir. “Amanhã, eu vou pegar esse bicho haja o que houver”. Então, no dia seguinte, eles foram pro acampamento, foram para o mato eu fiz uma forquilha, fui com a foice, peguei... , cortei uma árvore com a forquilha, fui nos arreios dos cavalos, desmanchei a corda, e desmanchei uma corda, fiz um barbante comprido, fiz uma laçada e subi com a forquilha e a

cordinha. Cheguei lá em cima, tava... a gambá tava dormindo e quando me viu, se espantou, ficou brava, agressiva, e eu, aí, consegui imprensar ela contra o tronco da árvore, né, consegui imprensar no ninho assim, usei a forquilha, meti a laçada e vim descendo – ela esperneando, eu vim descendo a árvore. Foi quando eles já vinham voltando do mato pra almoçar e eu atrapalhado com a gambá, ela pulando ali, o Chagas – “Ih, cuidado com esse bicho, dizia: “– não deixa ele fugir”. Eu digo: – “não, ele não foge.” – “Tem jeito de pegar?” – “Tem”. Aí foi quando ele correu pra barraca, foi apanhar a bandeja com o material – lâmina, lamínula, tesoura – e eu imprensei a cabeça dela com a forquilha no chão, consegui segurar na cabeça e nas patas traseiras, e ele veio correndo e deu um pique na orelha, tirou uma gota pendente, aí ele botou na lâmina, botou na lamínula, e saiu correndo pra barraca e foi pro microscópio. Quando ele olhou no microscópio, ele deu um tremendo berro, que aquilo ecoou, a ressonância por aquele campo afora... foi o segundo animal que ele tinha descoberto como hospedeiro do *Trypanosoma cruzi* – o primeiro era o tatu, ele já tinha descoberto, e o segundo foi esse gambá. Então ele disse: “bem... foi chamou lá o pessoal todo pra ver e tal, aí daí ele já mudou a idéia de me mandar embora de volta.” Ele disse: “você vai ficar, eu vou te ensinar a ler, a escrever e você vai ficar. Quando eu for, eu levo você pro Instituto”. Aí eu fiquei caçando gambá, caçando cotia, fazendo o que se chamava chiqueiro naquele tempo. Então eu aprendi com o meu tio a fazer aqueles chiqueiros botando umas armadilhas, e eu fazia aqueles chiqueiros – tinha até uma varinha de cipó – fazia aqueles chiqueiros como um alçapão, só que tem que é fixo no chão, e bota a isca ali na ponta do pau, e uma corda que passa por cima, e pega a outra ponta cá atrás. Quando o bicho puxa, solta o pino do pau aqui, a porta desce e o bicho fica preso – a gente chamava aquilo de chiqueiro. Então eu fazia chiqueiro, pegava vários bichos, e ele ficava feliz com aquela coisa, quando eu saía de manhã e montava num burrico daquele também, ia ver tinha dois, três animais lá presos no chiqueiro, eu trazia e ele ficava feliz. Então começou a me ensinar a ler né, de noite – era luz de lanterna, de lampião – eu aprendi tudo, desde a primeira letra (não sabia nem o que era o A, né?). Isso tudo com aquele espírito paternal, porque como eu perdi meu pai muito cedo, fui fazendo a transferência de afeto pra ele, né? Ele me ensinava, me ensinava com aquela delicadeza de sempre, como sempre foi, uma delicadeza tremenda... E quando eu estava com... Aí eu fiquei. Aí ele voltou, mas eu fiquei. Quando eu vim pra Manguinhos, aí eu já tava com 12 – eu fiquei cinco anos em Lassance.

LF – E tinha cartilha? Conta como é que ele ensinava você. Tinha caderno, cartilha? Ele mesmo ensinava você a ler?

FG – Mandou fazer... mandou levar a cartilha daqui pra lá, mandou comprar a cartilha aqui e levar pra lá. Aí então quem veio... que devia ir comprar a cartilha foi Raul de Avelar, que era... que foi o chefe de pessoal aí do hospital. E o Raul de Avelar acompanhou também a equipe.

PG – Essa coisa toda em Lassance, né?

FG – Em Lassance – isso tudo lá em Lassance.

PG – Como era... Conta um pouco mais como é que era a vida lá em Lassance.

FG – Lassance começou – eu não peguei, não alcancei isso – começou num vagão de estrada de ferro de fim de linha. Era um fim de linha, e houve aquela coisa toda que eles estavam fazendo uma primeira estrada de ferro e os engenheiros – isso é a história que eu não alcancei, mas é o que consta – e que os engenheiros foi que deram o alarme que existia uma febre lá, que o lugar era

endêmico pra um tipo de febre diferente e que... achava que fosse malária. E foi quando o Oswaldo Cruz, então, como o Carlos Chagas já tinha erradicado vários focos de malária aí pela Baixada Fluminense, mandou ele pra lá, pensando que era malária. Então chegando lá, ele... descobriu, porque ele viu num dos doentes, no sangue de um dos doentes o *Trypanossoma cruzi* ... Então ele se alarmou e viu que o negócio não era malária, que era uma coisa estranha, e daí ele foi desenvolvendo a coisa até que chegou ao barbeiro como transmissor, né? E depois, fazendo o ciclo, por via... posterior, essa coisa toda ficou patente... Então o laboratório era num final de linha – eu tenho a fotografia. Depois foi criado uma casa pequenininha, depois uma casa maior e foi melhorando o laboratório, né, foi melhorando, chegou até a ter no laboratório, um hospitalzinho, um hospital pequeno.

CT – Aquele hospital que existe em Lassance?

FG – Sim.

CT – Foi lá que passou a ser o laboratório? Todo em construção antiga? Era aquele?

FG – É. Eu tenho, eu devo ter... porque o resto da minha documentação tá toda com o Dr. Carlos Chagas¹ - ele vai fazer uma grande biografia do pai dele – então, eu cedi toda a minha documentação que eu tinha, que eu trouxe daquela poca, eu cedi pra ele poder ilustrar. Então eu tenho muito pouca coisa, mas ainda tenho os tipos de laboratório.

CT – Você chegou a ver o vagão?

FG – Cheguei a ver o quê?

CT – O vagão.

FG – O vagão? Não, não alcancei o vagão.

CT – Já não estava lá mais?

FG – Não, o vagão não estava mais. Aí já tinha laboratório montado em casa mesmo de alvenaria, né? Eu não alcancei o vagão, tenho só a fotografia, porque o... J. Pinto, que era um dos grandes fotógrafos, foi o primeiro sujeito a fazer microfotografia, e que foi convidado por... por Oswaldo Cruz, e ele é quem... era perito, era um tremendo fotógrafo, ótimo, fazia de tudo, fazia coisas imaginárias, e o Pinto acompanhou também. Então o Pinto fazia aquelas fotografias, todas as fases importantes da vida de Carlos Chagas lá, ele documentava numa máquina grande com fole uma lente que não tinha mais tamanho (INAUDÍVEL) cobrir assim com o pano preto. E ele fazia... já saía impressa numas chapas assim 24 X 30, umas chapas de vidro, e aquilo era estampado por contato, fazia o negativo na chapa de vidro, era estampado por contato (fazia a cópia por contado de noite, ele com uma luzinha, cobria o lampião com um pano vermelho e dava a luz vermelha). Então ele copiava de noite as fotografias, e assim é que eu consegui esse arsenal. Então eu pedia a ele: - “seu Pinto, o senhor quer (a gente dizia retrato, né), o senhor quer me dar um retrato desse?”. Ele era ranzinza, né? – “Pra quê que criança quer retrato?”. – “Então tá bem”. Mas como ele fazia

¹ Referência a Carlos Chagas Filho, como o nome indica filho do Dr. Carlos Chagas.

muitas cópias, quando eles iam pro mato, eu ia na bolsa dele, roubava uma cópia e escondia. E de roubo em roubo, eu roubei um acervo fotográfico, que se não fosse eu, não existia mais esse acervo, porque isso acabou.

LF – Quem eram as pessoas de campo em Lassance quando você chegou lá? Você se lembra? Trabalhando no campo com Chagas.

FG – Lembro. Tava Magarinos Torres, estava Emanuel Dias... Evandro Chagas passou por lá e... tinha mais duas... mais duas que eu não me lembro... Penido – Nogueira Penido também – e... mais um, falta mais um... Não me lembro, mas mais tarde eu me lembro. Eram cinco ou seis que nessa época colaboraram com ele lá em Lassance.

LF – Antes de sair de Lassance você conheceu Berenice?

FG – Conheci.

LF – Conheceu?

FG – Conheci. Conheci e tinha também... Aí é que houve um problemzinho, mas como ele era um homem muito... inteligente, ele desfazia.... Ele podia ter um pequenino erro mas desfazia logo aquele erro; se ele errava numa coisa, no dia seguinte ele tirava a limpo o que tinha errado. Tanto que tinha um município ao lado – não era bem ao lado, era um pouco distante – onde dava muito bócio, era muito endêmico de bócio. E... nesse município, nós fomos lá, eles foram lá, e por isso é que ele ligou, fez uma ligação de bócio endêmico com doença de Chagas, porque a família do... (não me lembro o nome), era uma família todos de... Os que nasceram neste município, todos eles tinha bócio, todos eles tinham bócio, menos o chefe, o pai e a mãe da família toda. Todos eram cretinos sabe, eram cretinos, menos três que não tinham bócio endêmico que não eram cretinos. Então, a tal coincidência: os que não eram cretinos, não eram portadores de doença de Chagas; o resto dos nove eram cretinos e tinham bócio. Então ele ligou a doença de Chagas ao bócio endêmico, que era a tiroidite chagásica. Então veio, levou lá pra Lassance – pegou a família toda e levou pra Lassance. Mas chegou em Lassance, ele tirou a conclusão que o negócio era bócio endêmico puro e que os cretinos dormiam e, como não tinham noção, tinham idade mais ou menos de adulto com idade mental de 2, anos, 3 anos, e os cretinos pegavam os babadores de noite e se contaminavam, né – esfregavam pra matar o barbeiro, esfregavam, e onde tinha mucosa, eles se contaminavam e os outros não. Os outros que eram sãos espantavam os barbeiros e não se contaminavam. O pai, a mãe e os outros três e os outros dois não se contaminavam, então ele desligou logo o troço, que não era nada de tiroidite não, que não existia: tiroidismo era uma coisa e Doença de Chagas outra – ele desfez prontamente esse equívoco.

PG – Ô, Chico Trombone, você ficou até os 14 anos...

FG – Lá.

PG – Lá em Lassance.

FG – Lassance.

PG – Até nessa época você não mexia em laboratório não.

FG – Mexia lá.

PG – Já mexia.

FG – Lá, lá mexia.

PG – E quando você veio pra cá, como é que foi o início do trabalho aqui em Manguinhos?

FG – Bem, aí eu vim pra cá e fiquei trabalhando com ele, até ele morrer em 1934, né? Aí, como havia... já naquele tempo já havia uma certa coisa de... digamos aquele...carrancismo branco, né, não deixava. Então ele me disse assim: “Olha, você, pra estudar, você tem que sair daqui porque se eu botar você pra estudar aqui, eu vou sofrer muito demais. Eles vão me criticar muito, assim eu vou te mandar pra Belo Horizonte e você fica com o Otávio Magalhães lá, e o Otávio Magalhães te bota lá pra você fazer – o que se chamava – os preparatórios pra ingressar na Faculdade.” Aí, então, eu fui pra Belo Horizonte fiquei lá no Instituto filial com o Otávio Magalhães. E tava estudando lá, foi quando ele morreu e o novo diretor que chegou, mandou eu vir de volta. E o Otávio Magalhães gostava muito de mim, que eu dava uma ajuda muito grande lá a ele, mexia com cobra, porque lá fazia muito soro antiofídico, mexia com cobra, e esse negócio de história de cobra me deu uma dor de cabeça tremenda. É. E então aí eu fui chamado, de retorno. O Otávio Magalhães me mostrou o telegrama e disse: - “olha, eu não posso pedir pra você ficar aqui, porque é a Sede que tá exigindo os eu retorno. Eu aí já estava com 18, foi quando o Chagas morreu, eu já tava com 18 anos. Aí eu voltei e aí fiquei com Miguel Osório...

LF – Como era o Otávio Magalhães? Conta pra gente...

FG – Ah, formidável.

LF – Conta um pouco do contato com ele.

FG – Era de um coração! Ele era procurado por toda Belo Horizonte – procuravam ele como clínico, não só como grande pesquisador, mas como clínico. Um homem versátil em tudo, ele mexia com tudo: parasitologia, com fisiologia, com tudo. Então ele era muito procurado. Era um homem muito bom, muito bom, atendia, tinha dia de atender lá, lá dentro do Instituto, atender vinte, vinte e tantas pessoas. Muito extrovertido, alegre, de um espírito alegre. É. A sorte que o Dr. Chagas tinha é que todas as pessoas que se juntavam a ele era do mesmo temperamento: era gente extrovertida, alegre. Então o Otávio Magalhães era esse tipo de homem. Bom, muito bom, não se negava de fazer bem a ninguém e...

PG – Uma coisa que a gente tem curiosidade e, não foi mais na sua época, mas você conviveu com pessoas que tiveram um convívio muito grande com o Oswaldo Cruz. O quê que essas pessoas falavam de Oswaldo Cruz?

FG – Bem, eu tenho muito pouco, porque o comentário era muito pequeno. O Oswaldo Cruz era um homem de uma capacidade muito grande, não é, muito inteligente, mas dado à época, tinha que se aquele tipo de pessoa, com aquela mentalidade da época, ser meio fechadão. Então diz que ele

era meio fechadão, mas sempre gentil, delicado, mas não era assim muito aberto, sabe? Mas tive muito pouca informação do que tinha sido, o que foi o Oswaldo Cruz. Não tive assim grandes conhecimentos.

WH – E o Carlos Chagas, era uma pessoa aberta?

FG – Muito.

WH – Expansivo...

FG – Expansivo. Expansivo demais. Expansivo e bom, que eu, quando pequeno, como fui criado com sistema religioso em casa, né? então guardava aquela coisa assim de que ele era um santo, eu via nele uma auréola, um santo – quando eu era pequeno eu tinha ele como um santo, porque ele fazia aquilo que meus tios não faziam aqui, né? Aquele tratamento, aquela delicadeza, aquela paciência, né? Então eu tinha ele como um santo. Depois é que a gente vai vendo que não é santo, é bondade é da pessoa mesmo, é do ser humano, né. Temperamento do ser humano. Tanto que deu uma história muito engraçada aqui: uma ocasião, o prof. Satamini era... se dava muito com o Carlos Chagas. E o Satamini, um dia, visitando aqui o laboratório, disse assim: “olha, eu tenho umas roupas lá e você passa lá em casa um dia pra pegar aquelas roupas.” Então eu disse: “vou, sim senhor, claro que eu vou.” Então, quando eu cheguei lá (ele marcou), no dia eu cheguei lá, ele me deu dois sacos de casaca e um saco de cartola (cartola da chaminé e cartola de côco). Então eu disse: “olha, o senhor deixa pra amanhã que eu venho... (veja só, naquele tempo era só tração animal, né? (Não tinha automóvel). Eu fui, mais um companheiro daqui, fomos de carroça na casa do prof. Satamini buscar os três sacos. E fomos de carroça, eu trouxe e botei naquela cocheira ali, lá em cima aonde botava alfafa, e guardei lá. Então quando acabou o expurgo de... aquela tração animal, acabou pra ser tração motorizada, o diretor daquele posto (tem um posto pegado ao campo do Botafogo, ali é que ficava guardada as viaturas do expurgo, né). Então, aí, como eles iam dispensar os animais todos porque receberam viatura de automóvel, eles deram, de presente os burros todos – eram assim... eram 18 burros. Então o chefe da cocheira disse: - “olha, vai ter 5 mil réis quem quiser buscar o burro lá em Botafogo. Aí nós reunimos: - “quem vai? Vai eu, vai você, vou falar com o Dr. Chagas pra ver se ele deixa eu ir buscar o burro.” – Ah, Dr. Chagas, tá falando gente pra buscar o burro que nos foi presenteado lá.” – “Ah, você, apesar que sabe montar direito, na cidade e tal, cuidado.” E eu: - “não faz mal.” Então nós engendramos uma coisa: vamos todo mundo buscar o burro sem camisa, de casaca e de cartola. (RISOS) Aí saiu cada um montado num cavalo e fomos. Então, quando nós chegamos na cidade, os ônibus chegaram até a parar, a turma rindo de ver aquela porção de cavaleiros sem camisa, descalço, sem camisa, descalço montado a cavalo, de casaca e de cartola. E todo mundo a indagar: o que é aquilo? O que é? Nós fomos a Botafogo. Chegando lá, cada um veio com três burros, e viemos cada um...

Fita 1 - Lado B

FG – ...o Malho estava com um repórter na rua e fez a gente parar pra fotografar. E o Malho, na semana (saía um exemplar por semana), aí fez aquela crítica, todo mundo metia o pau no Instituto. Desde o tempo de Oswaldo Cruz que essa revista como o Malho, Careta, essas coisas atacavam ele pra valer. E o Malho, então, fez uma crítica tremenda. Aí o Dr. Chagas ficou meio aborrecido, porque dizia...

CT – Você tem esse exemplar?

FG – Eu tenho. Eu devo ter esse exemplar do Malho. Dizia: “O Instituto Oswaldo Cruz, a casa da ciência, os seus pesquisadores, pra conduzir animais, vestem casaca e cartola, né.” O Malho chegou na mão do Dr. Chagas, o Dr. Chagas queria saber quem é que tinha inventado, aí disseram que tinha sido eu, me chamou, disse: “olha, meu filho, não é por nada, que você está vendo aí, o nome do Instituto não pode sair nem ser criticado.” Olha o quê que você arranjou. Mas, no dia que nós subimos aqui, ele teve um ataque de riso que caiu no chão do laboratório de tanto rir de ver aquela turma. Tudo puxando três burros, tudo de casaca e cartola. E alarmou tudo, né!, parou tudo... Ih! Todo mundo veio pra janela, todo mundo rindo de ver aquele cortejo de seis sujeitos, e cada um puxando três burros.

PG – Do centro da cidade pra cá, se passava por onde?

FG – Ah, por aqui por fora e tinha uma estrada beirando a linha, a estrada de ferro era o único caminho.

PG – E aí o quê que era? Chácaras? Ou o quê que seria?

FG – Eram... tinha chácaras, tinha terrenos baldios assim, terra devoluta e não tinha nada – só tinha a estaçãozinha e não tinha mais nada, nada, nada, nada; o resto era mangue, mangue puro, com cada caranguejo que não tinha tamanho. Mangue. Tudo aquilo ali embaixo era mangue; o mangue vinha até... entrava um pouquinho acima daquela portaria que tem cá embaixo – ainda era mangue, até ali ainda era mangue. Então era o único caminho e o pessoal vinha por via da estrada de ferro, a Leopoldina, e tinha um ônibus comprido, grande aqui, que chamava Viúva – e a Viúva ia buscar os pesquisadores lá embaixo pra vir pra cá pra cima, que automóvel também não existia, né? Existia só o do diretor.

WH – No início subia de barco, não é? Já naquela época...

FG – Ah, não, eu não peguei a ponte aqui. Peguei a ponte, mas não eles fazendo o caminho por aqui por via marítima – já peguei o caminho daqui; de estrada de chão mesmo.

PG – Existe um relato, inclusive assim de um dos auxiliares do laboratório, que teria inclusive se acidentado aqui em Manguinhos numa caçada que era feita, que encurralavam os cachorros selvagens aqui dentro. Você pegou essa época em que ainda tinha alguma caça?

FG – Não. Tinha assim preá, lagarto, mas assim de porta maior não peguei não.

PG – Agora, você chegou em 27. Em 28 teve aquele outro surto de febre amarela – que era o Clementino Fraga. Você acompanhou isso? Como é que era o Instituto nessa história?

FG – O Instituto fazia pegar a parte do leão, não é? É que fazia a parte de desinfecção, botava nas casas aquela cobertura, né? E como tinha uma saída, e fazia aquele gás na roça, né? Fazia aquele gás e ligava ao tubo, conectava ao tubo ali e enchia de gás lá pra dentro da casa, que aquela capa cobria a casa toda até o chão. Então jogava gás lá pra dentro e os moradores ficavam interditados durante dois dias, né? E então faziam o expurgo assim dessa forma.

PG – E o pessoal não reclamava não?

FG – Reclamava, alguns reclamavam, outros não, porque uns viram que o caso era muito sério, aí eles respeitavam, começaram a respeitar. Então aí deixavam fazer a desinfecção sem problema nenhum. Mas houve resistência, no princípio houve resistência. Mas como foi um surto pequeno, não foi um grande surto (eu não peguei o grande surto), então foi erradicado. Logo em pouco tempo, foi erradicado o surto de febre amarela aqui. Mas andou morrendo assim mesmo muita gente.

WH – Você participou desses trabalhos todos?

FG – Não, nesses trabalhos assim de rua e de campo, não. A gente participava mais aqui.

WH – No laboratório?

FG – No laboratório – participava mais no laboratório. Porque tinha o pessoal já treinado pra esse tipo de serviço, de expurgo. Eram homens treinados, então a gente não participava muito nesse tipo de serviço.

LF – Você morava aqui perto, Chico?

FG – Ah, aqui morávamos todos nós, todos nós morávamos aqui. Íamos pra casa no final do mês assim. Então, aqui nessa cachoeira, tinha dois quartos, duas... é um andar inteiro, e tinha 16 camas, e todos nós, tinha no Relógio², tinha lá embaixo, na cachoeira de baixo e tinha... tinha no Relógio, tinha no Vacínico – lá onde fazia a vacina de... e...

PG – Os estudantes de medicina também alguns moravam aqui, não é?

FG – Moravam. Moravam nos quartos cá em cima³ – são seis quartos que tem aqui em cima. Assim como os médicos, os pesquisadores dormiam também. Quando a coisa tinha que ficar dois ou três dias em observação, quatro dias, dormiam aí, ficavam aí quatro, cinco dias, seis dias. São seis quartos lá em cima, então eles dormiam aí, ficavam a noite inteira. O negócio era pra valer mesmo. Havia uma dedicação muito grande, muito grande mesmo. De noite era comum, a gente encontrava aí, ficava conversando, os mais extrovertidos contavam histórias, como o Costa Cruz e outros mais. Aí a gente ficava contando história, eles contavam anedota, história. A gente passava a noite aí.

PG – E já tinha música? Nessas... você já...

FG – Já, aí já. Aí era uma flauta, um saxofone, tinha um pistom – pra época era uma orquestra boa – um trombone (que era eu), um banjo, um tocava bateria. Pistom, trombone, bateria e banjo. Então nós treinávamos ali. Aí o Costa Lima descobriu o nosso esconderijo, e aí acabou, nós tínhamos que arranjar um outro lugar pra correr, poder exercer. – “Olha, crioulo danado, você anda soprando um

² Prédio também conhecido como Pavilhão da peste, hoje sede da Casa de Oswaldo Cruz. Ganhou esse nome devido ao relógio de sua torre

³ A entrevista realizada no edifício do Castelo. “Cá em cima” são os andares mais altos do prédio.

instrumento e que traz essa turma pra fazer barulho aí. Se eu pegar esse instrumento, eu vou fazer uma corneta comprida, vou esticar e vou amassar tudo.” E eu escondi o instrumento debaixo de um armário lá, num cantinho. Eu disse: “Ih, se ele pegar esse trombone, ele vai escangalhar o trombone. Onde é que eu vou arranjar lugar pra guardar esse trombone?” Aí tinha uma casa no morro, que guardava e aí eu passei a guardar lá. Mas evidentemente ele não ia fazer isso, porque às vezes ele me chamava. “Ih, o Costa tá te chamando”- porque ele berrava. “Ô, Chico! Ô Chico!” aí eu aparecia correndo, largava tudo. – “O Costa Lima tá me chamando aí, assim agüenta aí um pouquinho.” “Onde é que tu tava, miserável? Onde é que você estava?” Eu disse: – “Eu tava na coleção de mosquito, tava montando lá, antes de eu vir ainda deixei lá parte pra montar.”- “Eu já sei muito bem. Tu tava era soprando esse maldito desse instrumento.” O Costa Lima era o tipo do sujeito... Eu acompanhei ele também até morrer. Tudo quanto era mosquito que eu pegava aí, levava pra ele. Mandaram fazer uma banqueta e ele recostava na cama com a lupa – trabalhou até o dia que morreu. Então eu levava material pra ele estudar lá. Foi um grande entomologista. Aquela coleção que ele teve de mosquitos do Brasil é uma coisa fabulosa – deve ter a coleção aí completa. Um dos maiores entomologistas talvez do mundo – em especialidade, em mosquito.

CT – Tem um milhão de insetos na coleção.

FG – Como?

CT – Tem um milhão de insetos na coleção.

FG – É. Ele era uma coisa espetacular. Era o mais extrovertido de todos.

LF – O Costa Lima era um sujeito desbocado.

FG – Desbocado. Ah!

LF – Conta umas histórias dele pra gente, Chico.

FG – Ah, ele era muito desbocado, pra contar essa história desbocada não dá não – era demais. O Costa Lima era demais, sabe? Ele dizia mesmo palavrão no duro e a turma, quando saía todo mundo do almoço, formava aquela rodinha, né? Cinco, seis pra discutir assunto. Quando o Costa Lima encostava, todo mundo abria e ia cada pra um lado – gostavam muito dele, mas pra conversar não gostavam, porque ele vinha logo com umas coisas esquisitas que os outros, naquele espírito de... não topava muito a coisa não. Mas ele era desbocado, mas era uma belíssima pessoa. Talvez era o terceiro aqui em espírito assim de confraternização, de amizade.

PG – Chico, a gente volta depois a falar sobre as pessoas, o trabalho aqui. Agora, tem um outro momento aí que foi a Revolução de 30. Você viveu essa coisa como? Quer dizer, e depois de 30, mudou alguma coisa aqui no Instituto?

FG – Não, não mudou. O Instituto ficou apolítico, não havia política, pro Instituto não havia ligação política, né? Aí veio o Getúlio... Aliás, eu saía do Instituto... Muito interessante, as coisas me aconteciam assim ao acaso. Eu saía do Instituto – quando minhas tias moravam em Madureira – e eu fui em casa nesse dia, quando o Getúlio tava chegando. Então, quando eu cheguei em Madureira, tava chegando o trem do Getúlio com o pessoal gaúcho, tudo de bandeira encarnada, lenço

encarnado no pescoço. Eu pulei pra dentro dos trilhos da estrada de ferro e eles vinham no último vagão – tinha uma varanda assim, aqueles vagões antigos, tinha uma varanda grande – e eles vinham no final, naquela varanda ali e acenando pro povo. Então, segurei ali e fui até a cidade ali, até a cidade, ali dependurado ali no vagão com o Getúlio.

PG – Quer dizer que você chegou na cidade como vitorioso?

FG – Como vitorioso, como gaúcho também – cheguei como gaúcho lá. E... Mas o Instituto era apolítico, nunca teve problema político – teve depois do problema da Revolução de 60, que vem outro... O que mudou um pouco foi após a Revolução de 64 – aí a coisa já tava meio embaralhada, não é? Confundiram o Instituto com qualquer coisa por causa de uma pessoa, um indivíduo só, de maneiras que esse indivíduo enterrou o Instituto.

PG – A gente vai falar disso, né? Agora, tem uma coisa que você acompanhou muito, que foi o laboratório de fisiologia.

FG – Ah, muito. Muito mesmo, porque quando Carlos Chagas morreu, o Miguel Osório, que era o maior fisiologista talvez do continente, né? – talvez não: era o maior fisiologista do continente, uma inteligência exemplar. Naquela época, antes de formar o laboratório de fisiologia - porque o ensino de fisiologia era dado muito superficialmente nas faculdades - eles fundaram um laboratório na casa deles. Ele e Álvaro Osório, o irmão, fundaram um laboratório, importaram da França aparelhos de fisiologia e começaram a fazer fisiologia em casa, no laboratório em casa. Então vinham convidados do exterior e que vinham visitá-los e participar das experiências deles. Então foi quando o Carlos Chagas convidou ele pra ele funcionar.

PG – Tem uma história que... eles pretendiam, os irmãos Osório, estabelecer um laboratório aqui no Instituto, na época ainda de Oswaldo Cruz, e essa coisa ficou suspensa, só foi acontecer com Carlos Chagas.

FG – Carlos Chagas.

PG – Você sabe o porquê disso?

FG – Não sei, não desse detalhe – não tomei conhecimento desse detalhe não.

PG – Agora, a fisiologia, aqui, era prestigiada na época do...?

FG – Muito, muito. O Carlos Chagas dava todo apoio à fisiologia. O Miguel Osório era muito chegado à França, né, então a importação da aparelhagem especializada em fisiologia era toda francesa. Então eu passei a trabalhar com Miguel Osório de Almeida; aqui e nesse prédio aqui de trás. E ele ainda não tinha...depois é que... ele trabalhava sozinho, e depois veio o Thales Martins, depois do Thales Martins veio o Armando Rocha, depois de Armando Rocha... aí ficou... vinham visitantes, vinham pesquisadores do exterior que ficavam aí com ele fazendo fisiologia. E até o Martino... Porque o Dr. Miguel Osório era muito humano e ele não topava, mesmo em experiência, ele não topava que se maltratasse animais. E o Martino tava fazendo um tipo de epilepsia, que fazia craniotomia no cachorro a ferro frio, porque não podia dar anestesia, porque tirava a sensibilidade cortical. Então ele fazia craniotomia e o bicho tinha que estrilar, quebrar o osso com costótomo,

não é, porque não existia serra de Gilles naquele tempo – então quebrava com o costótomo e o cachorro esperneava. E ele (eu achava muito engraçado porque ele já tinha muito cabelo, cabeludo, italiano cabeludo) e ele tava fazendo a craniotomia no cachorro, o cabelo começava a cair, ele se desesperava, botava o cabelo pra trás, o cabelo caía, ele saía correndo no armário, apanhava o chapéu e enterrava na cabeça, e continuava fazendo a craniotomia. Mas um dia, o Miguel Osório viu ele esmurrando o cachorro, porque o cachorro tava reclamando. Ele passou-lhe um sabão tremendo: - “Você aceitaria se você tivesse com alguém quebrando os ossos da cabeça? Você ficaria sem reação nenhuma? Não quero que isso aconteça mais de jeito nenhum. Vamos fazer a experiência, mas com um mínimo de sacrifício do animal com a dor. De jeito nenhum eu tolero isso.” Aí tanto que o italiano passou a não fazer mais a tal craniotomia que fazia.

PG – Chico, como é que era o treinamento do pessoal? Vocês iam selecionados por um pesquisador? Quem que escolhia pra ir trabalhar lá?

FG – Bom... porque. De princípio a gente corria as oficinas; depois de correr as oficinas é que a gente ingressava na carreira de laboratório.

WH – Quer dizer que você trabalhou...

FG – Eu cheguei a trabalhar na carpintaria, na seção de vidro, de vidraria, onde fazia artesanatos de vidro e fazia as ampolas também, porque não se comprava ampola, eram feitas aqui, eram fabricadas. De maneiras que também aí não... Isso porque Dr. Chagas viajou, então eu passei pra dar um treino na oficina. Mas de um modo geral, a turma passava em oficina, depois de oficina ingressava no laboratório. Aí, de acordo com a necessidade, porque um ficava doente ou viajavam, então tinha que ter um laboratorista pra substituir – porque viajava muito. Eu, por exemplo, corri todo o Nordeste fazendo campanha, e corri, fui ao Sul, fui ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, São Paulo, fiz campanha nesses lugares todos – o Nordeste, eu corri todo o Nordeste com o Gerth Jansen, corri com o Álvaro Lobo, com o Olympio da Fonseca, com Evandro Chagas e... isso no Nordeste.

PG – Você pode contar um pouco dessa experiência e das expedições? Como é que o pessoal da região recebia, e lá como é que era feito...

FG – Ah, o pessoal recebia muito bem. Por exemplo: o Evandro Chagas era um sujeito boníssimo. Então era muito inteligente, ele sabia manipular, fazer aquelas porções pra verminose, pra anemia. Então ele levava muita substância daqui, não é? Levava vidros grandes de droga, ele mesmo passava e fazia papel – naquele tempo não tinha cápsula de gelatina, então pesava e botava no papelzinho. Então ele dava consulta no lugar em que chegava, então aquele lugar que era desprovido de assistência médica, total assistência médica ele prestava um grande serviço, porque era verminose pura. Então dava vermífugo, dava anti-anêmico, e fazia exame de fezes; fora do tipo de pesquisa que ele tava fazendo, fazia essa parte toda de terapêutica e assistência médica do povo. Então era aquela coisa: aí chegava um com duas galinhas, chegava um com um leitão. Dizia: - “Olha, eu estou aqui, eu vou avisar uma coisa a você, eu estou aqui porque o Governo está me pagando pra mim atender vocês aqui. Eu não tô fazendo favor a vocês não; isso não é favor, é obrigação minha eu cuidar de vocês, porque eu estou sendo pago. Então eu não aceito nada que vocês trazem. Vocês podem me trazer uma flor, ou quando se lembrar de uma fruta ou coisa assim, mas não me traga animais, porque que eu vou fazer com o animal se vocês precisam, vocês

vivem disso. Não aceito, e o que trazer, eu não dou mais consulta.” Aí a turma: - “tá bem, doutor, tá bem.” Então não trazia mais. Mas aceitavam muito bem, porque todos eles, o Jansen mesmo, o Olympio da Fonseca, faziam logo aquele serviço de clínica. Então era bem aceito em todos os lugares que chegava, porque prestava bom serviço à comunidade.

LF – Com o Jansen foi o combate à esquistossomose. Qual foi o resultado disso? Você se lembra?

FG – Olhe... O Jansen tem muita coisa de esquistossomose publicada.

LF – No Catende⁴, não foi onde vocês foram?

FG – No Catende. No Catende. Eles tem muita coisa...

LF – Como é que esse trabalho se desenvolvia lá?

FG – Se desenvolvia, porque ele mandava vir – quando tinha assim foco endêmico – ele mandava vir esse sulfato de ferro não sulfato de cobre. Mandava esvaziar aquelas lagoas, e jogava sulfato de cobre, solução de sulfato de cobre. E acabava, erradicava. Todo lugar que chegava, ele conseguia erradicar com o problema do sulfato de cobre. E mandava a turma aterrar, porque era água poluída, não tinha valor nenhum pra eles que moravam ali, só servia pra criar planorbídeos e cada vez aumentar mais a contaminação. Então ele mandava aterrar, fazia um bom serviço, bom serviço. Ele andou prestando bons serviços.

PG – Me diz uma coisa você do pessoal assim de auxiliar, alguns também foram muito célebres, né? Como você.

FG – Não. Joaquim Venâncio. Joaquim Venâncio era o meu guru. Muita coisa eu aprendi, agradeço a Joaquim Venâncio: o que eu tinha dificuldade, eu ia no guru e o guru me ensinava tudo. Aquele sabia tudo, aquele sabia de tudo e sabia tudo. Mas era de uma inteligência fora do comum. Essa reação para o diagnóstico da gravidez que se fazia em bufo marinho, foi o Joaquim que descobriu. Ele trabalhava com o Dr. Lutz aqui nesse laboratório e o Joaquim, muito sagaz, ele fazia exames de urina, aí então, ele um dia, pegou um urina de uma senhora aí do morro que tava em período de gravidez e não sei porque... O negócio foi o seguinte: ela tinha aversão a sapo. Enquanto o Joaquim tava no microscópio examinando o sedimento da urina dela, ela como tinha aversão a sapo, pegou um daqueles vidros que tinha um bufo marinho grande – e a tampa era de tela – ela pegou o vidro e jogou em cima do bufo marinho sabe? E o Joaquim estava colhendo uns protozoariozinhos, que o Dr. Lutz tinha mandado ele fazer essa sondagem na cloaca e colher aqueles protozoariozinhos pra identificar se o bufo marinho tinha também esse tipo de protozoário. Foi quando ele chegou no dia seguinte, ele fez a punção na cloaca do sapo, colheu a urina e foi pro microscópio e viu aquele montão de espermatozóide. Não era nada... Ele ficou intrigado com a coisa. Disse: “Uai!” Aí quando foi ver, ele notou que embaixo (porque o sapo ficava em cima, não ficava em baixo no chão do vidro, ficava sobre uma placazinha) que embaixo tinha urina – ele aí deu um estalo na cabeça

⁴ Geth Jansen organizou o primeiro posto experimental de combate à esquistossomose no Brasil em Catende, no Estado de Pernambuco.

dele e mandou que a moça trouxesse uma nova urina. E a moça trouxe uma nova urina, e ele, mais do que depressa, injetou 10 cm daquilo, da urina do sapo. Primeiro ele sondou a cloaca, viu que o sapo não tinha nada, depois fez a injeção de urina, depois, com uma hora depois ele colheu o material, com duas horas colheu, já estava lá a espermatorréia no sapo. Ele aí ficou... Se o negócio é esse aí... fez mais vezes, né? Injetou a urina dele, não dava nada; injetava a urina de uma pessoa que não tava grávida, não dava nada; injetava de mulher em estado de gravidez, dava. Ele aí, o Manini tava fazendo estágio, aí o Dr. Lutz tinha viajado. Aí ele con...

Fita 2 - Lado A

FG – ... aí contou ao Dr. Lutz o que tinha acontecido, que ele tinha descoberto, tinha visto não os protozoários, mas tinha visto um tipo de espermatozóide no sapo e que, então, ele tinha pego a urina de uma mulher grávida, tinha injetado e deu aquela eclosão de espermatozóides. Então contou que tinha explicado aquilo ao Dr. Manini. Foi quando o Dr. Lutz ficou desesperado: “não conta nada a gente de fora. Você contou, agora ele vai publicar isso lá fora, quando pode ser publicado aqui.” Então, depois, aí o Dr. Lutz desenvolveu a coisa toda, deu a noção científica do que era aquilo, que era a Gonadotrofina cloniônica que liberava o espermatozóide no sapo. Mas houve uma coisa muito curiosa com o Joaquim - ele era demais inteligente: um embaixador alemão mandou uma carta pro diretor aqui e queria 12 exemplares, se o Instituto poderia enviar pra Alemanha 12 exemplares de um tipo de uma perereca estranha que tinha no Brasil, né, muito rara, muito rara. E aí mandaram a carta lá pro laboratório. “Não, só quem pode resolver isso é o Venâncio. Quem sou eu pra saber de perereca. Sei lá de perereca!”. Então o diretor chamou o Joaquim, se ele podia satisfazer esse pedido do governo alemão então: - “Ah, pois não” então ele foi... caiu em campo, vestiu as botas e aquela roupa, aquele traje de pântano, e saiu, e conseguiu exatamente o tipo. Aí mandou tudo determinado: espécie, tipo, habitat, tudo, escreveu tudo e eu é quem fui levar lá na Embaixada da Alemanha, ali nas Laranjeiras. O embaixador ficou maravilhado, maravilhado com a história, de ter conseguido tão rapidamente um tipo de batráquio tão raro, e o Joaquim conseguiu aquilo de um dia pro outro. Conseguiu de um dia para o outro. Ele já sabia onde exista tal tipo de perereca.

PG – E essa história... que ele reconhecia pelo...

FG – Pelo ouvido, é pelo ouvido. É. Pelo coaxado do bicho, ele sabia onde estava e que tipo de bicho era – ia lá direitinho. Então o Dr. Lutz tinha uma certa afeição ao Joaquim, que ele era realmente inteligente, ele ajudava mesmo o Dr. Lutz, em tudo, mesmo na parte de... Dr. Lutz fazia tudo, era versátil, né?, clínico, cientista, era tudo. Era formidável o Dr. Lutz. Eu tive também, algum tempo, trabalhando com o Dr. Lutz. Era formidável. Um pouco difícil da gente entender porque o português dele ainda era assim meio arranhado, né? Então era preciso a gente botar bem atenção, porque senão a gente não sabia bem o quê que ele tava querendo, né? Mas com o hábito a gente acostumava e já sabia de tudo, mas o Dr. Lutz era uma coisa formidável. O Joaquim teve coisas aqui espetacular. Um dia, eu tava com Thales Martins – quando Miguel Osório viajava, eu ficava com o Thales Martins – super, ultra exigente, demais exigente: ele queria uma coisa já, não queria saber de que forma a gente ia conseguir, e fui eu que mais agüentei o Thales Martins; porque ninguém agüentava, ficava dois meses, três meses, caía fora, e eu é que mais agüentei. Mas sofria o diabo com ele; ele era exigente demais. Ensinava, era bom porque ele ensinava, ensinava tudo, mas era exigente. Eu aprendi demais com o Thales Martins – citologia, aprendi muita coisa mesmo. Eu fazia... tinha dia de castrar 100 camundongos, tirar supra-renal de 50, 60 camundongos com

aquele instrumental fino que ele trouxe da Europa, ferro cirúrgico finíssimo. Mas ele cismou que queria, que eu tinha que arranjar camaleão grande, que ele tinha uma experiência, que precisava começar a experiência e precisava de camaleão. “Mas como é que eu vou fazer pra pegar camaleão, doutor? Vou andar subindo em cima das pedras...” – “Você dá um jeito, que eu quero os camaleões.” Digo: “Vou no meu guru, é o jeito.” “Ô, Joaquim, eu tô com um problema: o Dr. Thales exigiu que quer que eu arranje um camaleão de qualquer jeito. Quê que eu vou fazer?” “É fácil, é fácil. Amanhã nós vamos naquela pedreira (tinha uma pedreira aqui no posto de Martangu), nós vamos na pedreira e nós vamos pegar muito camaleão.” Então, vê a argúcia do Joaquim. Naquele tempo não existia fio de nylon. Mas o rabo de cavalo é como fio de nylon, tem resistência, né, arma. Então nós fomos lá no rabo do cavalo, cortamos uns fios compridos, ele armou uma laçada, fez uma laçada e completou com linha preta. E pegamos umas baratas vivas, ele amarrou a barata pela cabeça e botava dentro da laçada, amarrada com linha preta. E fomos lá pra pedreira, e aquilo na ponta de uma vara de bambu bem comprida. Aí o camaleão aparecia lá na pedra, ia arriando assim aquela barata – a barata tá aqui dentro da laçada – ia encostando perto do camaleão, ele ficava ouriçado, pulava e quando pulava, prendia, ficava preso, o camaleão dançando no laço, né, porque aí ele apertava a laçada. Olha, só no primeiro dia nós pegamos quarenta e tantos camaleões, camaleão grande, que eu cheguei, o Thales Martins ficou maluco. “Agora tu não diz a ele como pegou não. (risos) Você só diz a ele que os camaleões estão aí.” Quando eu cheguei com aquele caixote, com aquela pedra cheia de camaleão, o Thales Martins quase caiu pra trás. “Como é que você conseguiu a fazer isso?” Eu disse: “Eu não sei. O senhor não queria camaleão? Tá aí o camaleão, tá aí o camaleão.” Ele disse: “Mas isso é uma coisa incrível! Eu te pedi isso ontem, você hoje já me chega com esse montão de camaleão.” “E se o senhor quiser mais, eu trago.” (risos) “Não, não, não. Chega, por enquanto chega, já tem camaleão demais aí. “ Mas era astucioso, ele tinha umas idéias... era formidável o Joaquim. Qualquer dificuldade que eu tinha, meu guru, ia lá e ele me dava as coordenadas todas e me tirava do sufoco em que eu encontrava... (interrupção de fita)

PG – Chico, você tava falando, em outra ocasião, sobre o Dr. Moussatché, uma experiência também aí no Departamento de Fisiologia, né?

FG – Ah, o Moussatché, ele desenvolveu uma linha de pesquisa importantíssima, andou trabalhando com problema de histaminas, e ele desenvolveu uma linha de pesquisa importantíssima. Ele é um fisiologista – fisiofarmacologista – espetacular.

PG – E no trabalho, como é que ele era?

FG – Muito bom, muito bom, sempre alegre, sempre disposto a colaborar, a ensinar, não é egoísta, não é egoísta, é um homem aberto. Foi uma pena, sabe, foi uma pena nós termos perdido 15 anos de colaboração de Haity Moussatché. Foi um lapso muito grande.

PG – E agora, você tava me contando, que tem uma possibilidade de você voltar a trabalhar com ele?

FG – É, porque eu trabalhei numa clínica de olhos em Niterói durante cinco anos – é a maior clínica da América do Sul. E... Então, há coisa de 15 dias, eu recebi um telefonema, às 11 horas da noite, do Dr. Carlos Guedes, que é o dono da clínica – ele é oftalmologista – muito meu amigo. Eu só saí da clínica porque... eu fazia exames especiais lá de... floriceinografia... (pega e injeta a floriceína...

e documenta fotograficamente; o doente fica com o olho em dois visores e a gente pelo lado do aparelho, por trás do aparelho, a gente localiza a retina e fotografa a retina). Então eu fiquei lá fazendo floriceinografia quatro anos. Mas como depois caiu muito, porque apareceu em outras clínicas aqui no Rio de Janeiro que fazia, então o pessoal do Rio já não recorria a Niterói. Então caiu, não havia mais razão de eu ficar lá, porque tinha um ou dois exames só por dia. Então amigavelmente, ele continuou muito meu amigo. E o Dr. Carlos Guedes, deu na televisão o Dr. Arouca, e viu por nome, viu ele fazendo declaração pela televisão, um nome falando em Arouca. Disse: “Arouca? Não é nome pois é. Nome raríssimo. E Arouca já é meu primo, esse cidadão é meu primo.” Então, aí, ele telefonou pra irmã em São Paulo. Disse: “Olha, eu tive vendo televisão ontem e um cidadão, que é o presidente da Fundação Oswaldo Cruz, chama Arouca. É nosso parente?” “Nosso primo, é o filho a tia Maria, não-sei-o-quê, nosso primo, você não sabia?” Então eu fiquei assim: “É, pois é.” Então como eu disse que eu vivi aqui, ele disse. “Olha Chico, que queria te pedir um favor...”. Porque eu vinha trazer as coisas do Moussatché que eu preservei até hoje, porque o laboratório faliu, acabou. Então como eu vi que talvez aquilo que era de tanto valor, ia ter um destino qualquer, um outro destino que não fosse bem aproveitado, peguei todas as substâncias dele, marcado, os dissecadores que ele tinha com substância marcada, e levei pra Niterói pra preservar porque bem! Talvez não saibam nem o que seja isso, jogam lá pra qualquer lugar sem tá com vácuo, sem tá na... em temperatura baixa, vai se estragar essa fortuna. E eles podem precisar, tá aqui comigo. Eu falei com o Dr. Mário: “Eu só vou levar isso, porque tá aqui, a geladeira vão parar”. Quando deram o ultimato pra levar tudo, que o laboratório ia ser desmontado, deram dois dias pra que retirasse tudo o que era do laboratório. Então eu vim com o caminhão, aqui, de mudança pra apanhar as coisas particular do Dr. Mário. Aí quando eu vi aquelas substâncias caríssimas... “Dr. Mário, olha o negócio é que essas substâncias são do Dr. Moussatché e alguém, por não saber o valor, vão deixar fora da geladeira. Assim, nós vamos levar, deixamos lá, qualquer coisa tá lá, a gente devolve ao Instituto, não tem problema – só pra preservar, porque vão desmontar o laboratório, não vai funcionar mais em termos de fisiologia.” De maneira que levei. Então todas as coisas particulares do Moussatché eu levei, inclusive esses dois dissecadores com substância marcada que tá valendo uma fortuna – tem mais de 400 milhões de cruzeiros ali né – e mantive sempre com vácuo e dentro da geladeira até hoje. Então tá há 16 anos guardado dentro da geladeira, tanto que o Moussatché não acreditou, ele ficou louco, se babou lá, começou a babar lá. Eu digo: “O senhor está babando? Quê que é isso?” Quando eu telefonei, disse: “Olha, como o senhor vai retornar, aquelas substâncias todas sua marcada, eu preservei até hoje e vou levar pro senhor, assim como as suas cubas, aquele material que o senhor trabalhava, eu vou levar aí pro Instituto.” Ele disse: “E, Francisco? Puxa, me faz esse favor. Como você pôde ter essa idéia?” “Não, é a tal coisa, a gente sabe que é uma coisa de tanto valor e difícil pra importar essas substâncias hoje, é uma dificuldade tremenda, precisa dólar, precisa isso, precisa aquilo.” Quando eu entrei com, os dois dissecadores desse tamanho – porque os vidros são pequenos, então em camadas assim dentro do dissecador, ele tomou toda a área do dissecador – ficou muito satisfeito de ver aquilo, olhava: “Não tô acreditando, eu não quero nem ver, porque eu não acredito nisso. Como é que você pôde.” Disse: a gente tem o espírito de preservar, de guardar, de zelar pelas coisas. Disse: “Mas isso é uma coisa... um sonho, isso pra mim é um sonho, isso pra mim é um sonho.” Quando ele abriu o dissecador, foi pegando com a lente, foi vendo a substância que era, disse: “Meu Deus do céu, tô feito na vida. Você me refez 20 anos de vida só em ter conseguido me retornar essa substância.” Então o Dr. Arouca convidou ele pra almoçar e eu digo: “Olha, tem um recado pro Dr. Arouca, que o Carlos Guedes disse: “Olha, você fala com ele, diz a ele qual o dia que eu posso, precisa marcar o dia pra mim ir lá no Instituto pra reaver a nossa amizade, que nós nos separamos, ele tinha 19 anos e eu tinha 21. Ele foi fazer medicina em Ribeirão Preto e eu vim

pra Niterói. Então daí eu me formei aqui em Niterói, fiquei por aqui. Ele ficou lá em São Paulo e a família – nós nos desligamos até hoje. Então você fala com ele pra ele marcar um dia pra mim ir visitá-lo lá em Mangueiras uma hora.” Então eu trouxe esse recado do Carlos Guedes. Aí falei, o Arouca ficou muito satisfeito, disse: “Puxa, Francisco, esse meu primo era uma coisa formidável. Puxa vida, você me dá essa notícia... Puxa vida, tô com o dia ganho hoje também.” Eu fiz dois dias ganhos hoje. Aí ele disse: “Pois é.” Eu disse: “É, pai dele”... “;” É, o meu tio fabricava vinagre (o pai dele, o pai de Carlos Guedes) fabricava vinagre, era o chefe de uma religião que tinha lá que só ele sabia que religião era aquela”. Então ele disse: “Não, você me dá o telefone dele, e de casa, que eu hoje mesmo ligo pra ele, pra reaver, reatar a nossa amizade, que nós fomos, até essa idade, criados juntos, depois é que fomos fazer faculdade em lugar diferente e perdemos o fio da meada.” De formas que então... aí eu, conversando com ele, disse: “Eu vou me aposentar e tal em março.” Aí eu disse pra ele: “Eu tinha vontade de não fazer mais esse negócio de faculdade de medicina, de aula, eu já tô saturado dessa coisa. Vou ficar parado num laboratório, fazendo qualquer coisa, eu trabalhei tantos anos com o Dr. Moussatché...”; ”Então você vai ficar com o Moussatché aqui. Você se aposenta e você fica com o Moussatché aqui. Eu digo: “Isso era uma boa, caiu do céu, terceira coisa boa que aconteceu hoje, a segunda-feira tá muito boa, né, demais”. Então...

PG – Chico, você falou aí dessa experiência do Moustaché e uma coisa muito dramática que você disse que eles deram dois dias pra tirar todo o material do laboratório. Como é que foi essa história do massacre, como eles chamam? Como é que você viveu isso aí?

FG – Ah, eu vivi, porque eu me dava com todos de um modo geral. Então, se um pesquisador deles, dos primeiros pesquisadores que eu alcancei da velha guarda, todos que me pediam qualquer coisa eu sempre procurei colaborar com todos. Então eu era muito querido, todos gostavam muito de mim. Então veio passando a geração e eu servindo a todos, de um modo geral, nunca me recusando. Quando viaja, fazia essas viagens assim, se interessava alguma coisa do local onde eu ia viajar eu procurava animais e material de pesquisa, trazia. Então eu era muito querido aí pela turma. E por eu ser querido, eu não tô olhando o lado político de ninguém – e não existia mesmo o lado político aqui; se existia, se existisse, existia dentro da cabeça do cidadão, mas aqui nunca manifestaram nada, nunca houve manifesto de políticos aqui dentro – que se tratava de laboratório, de pesquisa. Me lembro, no tempo que a política tava florescente mesmo aqui, o Dr. Miguel Osório não consentia, de jeito nenhum, no laboratório, conversa política. Não entrava no mérito da questão, ninguém discutia política nem falava em política nem dizia que era político, que era do partido A, B, C nem coisa nenhuma. Então eu me dava com todos eles e por eu me dar com aqueles que o Dr. Rocha Lagoa não gostava, tinha aversão, ele cismou de me perseguir. Aí eu fiquei naquela. E um dia, então, nesse tempo eu estava... O Dr. Miguel tinha falecido e eu fiquei com o Gilberto Villela na bioquímica, fiquei com o Gilberto Villela e o Gilberto Villela tava descobrindo uma enzima no sangue e no veneno de serpente. Então, o único lugar que tinha um serpentário bom era São Paulo. Como eu tinha andado lá por São Paulo com o Gonçalves Henrique, no Butantã, então eu falo pro Dr. Villela: “Eu vou lá com o Gonçalves Henrique e eu consigo todas as cobras que nós vamos precisar.” “Então tá bem. Faz uma portariuzinha, pedir pra fazer um portaria e você vai lá, e vê se ajeta.” Então há quatro espécies de serpentes. Aí eu fiz a minha mala e tal, e fui-me embora, a minha geladeiruzinha de campanha, fui embora. Mas, quando chegou no dia seguinte, eu digo: “Olha, como eu tive no Ezequiel Dias com o Otávio Magalhães, e lá tinha um serpentário bom também, então como vai ser preciso sacrificar a cobra, pra não dar muito prejuízo num lugar só, eu vou fazer o seguinte, eu vou dividir: eu vou ao Ezequiel dias, faço uma parte e vou pro Butantã e faço a outra parte.” Então, primeiro, passei em Belo Horizonte. Vou encontrar o Dr. Otávio

Magalhães lá e que vai abrir as portas, não é? Quando chego lá, dei um tremendo azar, porque o Dr. Otávio Magalhães tinha viajado e o nosso amigo, Rocha Lagoa, estava dirigindo o Instituto na ausência de Otávio Magalhães. Aí falei: “Xiii!” Aí quando eu venho saindo, eu me encontro com ele: “Chico, mas você por aqui, tal...”. Porque ele tinha sido quase que expulso daqui pelo Dr. Aragão, porque pediu material e o Dr. Aragão – “ele não fazia nada, nunca fez nada.” O Dr. Aragão disse: “Olha, eu não vou deixar de comprar material para os que trabalham pra comprar um material pra você, que não faz nada.”; “Mas o senhor acha que eu sou vagabundo?”; “Não, eu não tô achando, você é quem tá dizendo que é, eu não tô dizendo nada.”; “Então eu vou embora.”; “Se você quiser ir embora”... então ele foi embora pra Belo Horizonte e ficou com o Dr. Otávio Magalhães lá. E por azar, quando eu fui, encontro ele dirigindo o Ezequiel Dias. – “Ai, você por aqui, meu grande amigo e tal. Quê que você tá precisando?” Eu digo: “Olha, eu tava precisando de umas cobras aí... mas... eu vou fazer o seguinte, eu vou pro Butantã.”; “Não! O instituto é a nossa casa. Se você veio com essa finalidade, você vai resolver esse problema aqui... Eu disse: “Olha, eu vou precisar de veneno e de sangue.” Aí chamou quatro rapazes lá, botou à minha disposição pra me ajudar. Ia saindo, voltou e disse assim: – “Olha, mas tem uma coisa – não sacrifica as cobras.” Então eu disse: “Olha mestre eu não sei, só se o senhor me ensinar uma técnica de puncionar coração de cobra a não ser... que eu me lembre, quando eu tava no Ezequiel Dias, que a gente precisava de sangue e o jeito que tinha era botar a cabeça da cobra pra baixo e seccionar, e aparar o sangue ali. Como é que o sujeito vai descobrir o coração da cobra, se tá aqui, se tá cá embaixo, se tá cá em cima? Não tem jeito de puncionar. O senhor tem alguma técnica, o senhor me ensina.”; “Não, você é um rapaz inteligente, você resolve.”; “Bom, então eu prefiro ir embora. Ele sapateou: “Você está me ofendendo.” Eu disse: “Ih, me meti numa encrenca tremenda.”; “Você resolve esse problema.” Eu disse: “Tá bem.” Aí, quando ele saiu, o rapaz: “Ih, que nada, a gente quando precisa de sangue de cobra é assim que a gente faz aqui. Que nada. Você fica aí que a gente vai arrumar uma coisa aí. Você vem bem cedo, a gente hoje separa todas as cobras e você vem bem cedo, a gente faz o serviço, você vai embora, ele só chega aqui meio-dia, uma hora, você vai embora, e quando ele chegar, nós vamos dizer que você foi na cobra no coração, e a gente joga as cobras todas no forno crematório.” Então, combinado, tudo combinado. Aí no dia seguinte eu acordei bem cedo e fui pra lá. Aí a rapaziada já tinha separado as cobras – cascavel, coral e tal - e aí começamos o serviço, começamos a trabalhar: enquanto um guilhotinava a cobra, o outro colhia e eu ficava colhendo veneno e tal. Então já tava tudo pronto, meti na minha geladeira portátil e já tava pra sair em campo... ele de tão... tão maldoso, que ele só chegava meio-dia, ele chegou às dez e meia naquele dia. Aí chegou, eu já tava pra sair, ele chegou. Quando ele viu aquela altura de cobra sem cabeça assim, ele sapateou: “Você me paga por isso. Um dia você vai me pagar por essas cobras.”; “Mas mestre como o senhor queria que eu fizesse? Eu disse ao senhor que eu não sabia fazer a não ser assim, e o senhor não deu solução, o senhor me obrigou.”; “Não, você me paga, você matou as minhas cobras.” E aí foi. Digo: “Olha, maldita hora que eu vim aqui, porque se eu soubesse que o Dr. Magalhães não estava aqui, eu não tinha vindo aqui, porque eu só vim pensando que o Dr. Magalhães tava...”

Fita 2 - Lado B

FH – ...maldita hora que eu vim aqui, porque se eu soubesse que o Dr. Magalhães não tava aqui, não tinha vindo aqui, porque sei que o Dr. Magalhães ia facilitar tudo pra mim. Aí eu fiquei meio aborrecido: “Ficou com exigência e eu disse ao senhor que eu não sabia puncionar cobra no coração, o senhor não deu solução; perguntei se o senhor conhecia alguma técnica, o senhor não deu solução. Então a única coisa que... me obrigou o quadro”. Ele disse: “Bem, você vai, mas um

dia você me paga.” Aí fui pra São Paulo. Cheguei lá, tava o Gonçalves Henrique, aí contei a história a ele: “Passei lá, se eu soubesse não tinha ido, eu não quis sacrificar muito o Instituto Butantã e passei no Ezequiel Dias, e aconteceu isso”. Ele disse: – “Que loucura! Como é que vai se sangrar cobra no coração? Não tem jeito, o único jeito que tem é seccionar a cabeça mesmo. Mas deixa isso pra lá, vamos trabalhar.” Então ele mesmo se prontificou, me ajudou, então colhi todo o material que tinha, que restava, colhi lá no Butantã e vim embora. Até foi feito um trabalho muito importante do Gilberto Villela com aquele material. Mas aí quando o Dr. Aragão morreu, ele voltou. Voltou e ficou com aquela idéia de cobra na cabeça. Aí...

WH – Quantos anos foi essa história das cobras?

FG – Não sei, acho que uns 30 anos mais ou menos. Aí quando a gente se encontrava, eu cumprimentava ele: “Bom dia, doutor! O senhor como está?”; “Ah, estou bem. Mas olha, aquele negócio das cobras não esqueci, um dia nós vamos conversar sobre o negócio das cobras.”; “Olha, doutor, isso já passou tanto tempo, vamos deixar isso pra lá.”; “Não, nós vamos conversar esse negócio das cobras.” Aí eu dizia: “Tô mal com esse homem; tomara que ele nunca seja nada”. Por azar, porque que veio a Revolução e ele foi posto como diretor. Aí, na posse dele, a turma ria muito, aí desejei a ele uma boa administração do nosso Instituto e tal, fui dar um abraço nele, ainda na diretoria, ele disse: “Muito bem, muito obrigado, mas não esqueci aquele negócio das cobras. Agora é que nós vamos ajustar contas por causa daquelas cobras.” E o pessoal que tava na fila esperando pra abraçar ele, depois: “Que negócio de cobra é aquele?” Eu disse: “Não se mete nisso não, que isso é uma história muito confusa.” E ficou nesse negócio de cobra em cima de mim que não acabou mal; e me perseguiu aqui pra todo lado. Eu, pra me aposentar, pra me ver livre dele, de não me fazer uma aposentadoria sumária, eu tive que esperar ele viajar, aí eu enquanto ele viajou, eu requeri e caí fora. Aí o Dr. Villela disse: “Ih, você me estragou a vida, você foi se aposentar e nós estamos fazendo essa experiência que você é a cabeça da hidra. Porque eu fazia a dieta de sais minerais, de proteína dos ratos, fazia a dieta, pesava, sangrava, eu tava com a parte bruta – eu é que fazia aquilo – mas tudo pesado direitinho, dieta distribuída direitinho pra cada rato. Eu disse: “Não, Dr. Villela, pode deixar, eu me aposentei mas continuo aqui graciosamente lhe ajudando. Não tem importância, eu virei todo dia normalmente. O negócio da aposentadoria foi só pra me libertar de uma punição. Então eu me aposentei, porque assim eu tô livre”. Então peguei a lei da aposentadoria e botei no bolso do jaleco, e andava com aquela lei da aposentadoria, que ele podia se encrascar comigo. Tanto que um dia, fui descendo aqui a cantina, tinha havido aí um surto de tifo e ele me botou lá pra fazer a vacina anti-tífica. Então eu ia tomar um café: “Essa hora aqui?”; “Eu vim tomar um cafezinho.”; “Mas isso não é hora de tomar café, isso é hora de você tá lá no laboratório.”; “Mas mestre, eu tô trabalhando graciosamente pro Instituto.”; “Como graciosamente?” Aí meti a mão lá, puxei o recorte do Diário Oficial: “O senhor quer fazer o favor de ler isso aqui?” O homem ficou branco, vermelho, pegou o Fonseca que tava substituindo ele quando ele viajou, pisou em cima do Fonseca, tirou o Dr. Fonseca da administração, pintou o sete. Aí ficou bravo comigo. Só não podia proibir, porque eu tava trabalhando graciosamente, não podia proibir, então eu continuei. Mas assim mesmo andou... “Não quero mais lhe ver aqui”. Depois de haver aquele inquérito que teve aí, ele disse que não queria mais me ver aqui. Um dia até o segurança dele me apontava a metralhadora quando eu ia descendo ali. Eu disse: “Ah, pára com isso, você vira essa arma pra lá.”; “O chefe tá lhe chamando.”; “Eu não tenho nada com o chefe, ele não é meu chefe.” De maneira que eu fui descendo a estrada. Ele me chamou no carro, parou o cortejo e me chamou, os seguranças logo desceram, porque eu continuei andando. “O chefe tá lhe chamando.”; “Eu não tenho nada com o chefe.” E o cara com a metralhadora em cima de mim. “Vira essa coisa pra lá. Quê que você tá

pensando que você é?”; “Ah, o chefe tá lhe chamando.”; “Não é meu chefe, eu não tenho nada com chefe, ele não é o meu chefe.” Então me proibiu de entrar aqui. Aí eu me queixei ao general no inquérito. Eu disse: “Olha general tá havendo aí...”

PG – Você foi chamado no inquérito?

FG – Eu fui. Fui e o general disse: “Olha, não tem problema nenhum contra você, mas como você é o mais antigo atualmente no Instituto, você tem condições de nos dar algumas declarações, algumas explicações que nós precisamos.”; “Tudo bem, o que eu souber, o que tiver à minha altura de responder, eu respondo.”; “Pode ficar à vontade.” Eu vi dois gravadores debaixo da mesa enorme, eu fiquei meio apavorado quando entrei na sala com a luz vermelha. Eu digo: “Êpa!”. Mas o general muito camarada e fez umas perguntas assim meio vagas. “Não, general, nunca teve nada aqui, nunca houve problema político, nunca houve nada.”; “Mas surgiu o Dr. Fulano de Tal.” Aí, eu digo: “Não, não.”; “Tinha um angu subversivo?”; “Não, senhor, não havia nada de angu subversivo. Tinha uma pesquisadora, que era baiana, que fazia um vatapá muito gostoso. Então, cada um dava uma quantia e no sábado, ela comprava o material, sábado ela fazia aquele vatapá naquelas panelas grandes e trazia no automóvel. Então a gente tava trabalhando, quando chegava a hora do almoço, todo mundo comia aquele vatapá gostoso. E eu entrava no vatapá pra lavar as panelas e os pratos – a minha parte era de lavar as panelas e os pratos – mas o resto era um vatapá, como todos gostavam, comum, sem haver nada de política.”; “Ah, porque houve uma história de um vatapá subversivo aí”. Eu disse: “Não, não tinha nada de vatapá subversivo; era porque todo mundo gostava daquele tipo de comida e ela fazia, e sábado, como se trabalhava até seis da noite, sete, então é uma forma da pessoa se deliciar com uma comida gostosa. Mas não se falava em política nem havia política no laboratório, nunca houve problema político aqui.”; “Mas ninguém nunca te catequizou?”; “Não, senhor. Absolutamente, ninguém aqui, nunca, nenhum deles.”

PG – Mas, Chico, como é que era o clima aqui na época desse inquérito? O pessoal tava muito atemorizado?

FG – Tava, tava, realmente tava muito atemorizado. O pessoal tava apavorado. Apavorado porque tava o nosso amigo aí e ele tava fazendo questão de todos aqueles que não se dessem com ele, ele molestava. E ninguém se dava com ele – os que trabalhavam não se davam com ele – não é que não se davam, não dava importância; não existia, ele não existia pra aqueles que trabalhavam. Então ele tinha ódio exatamente porque os camaradas consideravam ele como um inexistente (porque ele nunca fez nada, nunca foi numa conferência, nunca publicou um trabalho, nunca fez nada, sempre um camarada esquisito). Então ninguém dava bola pra ele. Então ele tinha ódio mortal desses outros pesquisadores que trabalhavam, conviviam em harmonia todos com todos, e ele tinha uma ciúmeira danada por causa disso, porque ninguém dava assim...

PG – Mas, ô Chico, quer dizer ele também não tava sozinho nessa história não, né? Tinha gente que dava algum apoio a ele.

FG – Não dava. Ele chamava pro gabinete, mas sem a pessoa dar apoio afetivo, cumprindo ordem de trabalho, mas não havia, entre os cientistas não havia.

PG – E o pessoal. O resto do pessoal, muita gente colaborou assim em termos de informação e de colocar os cientistas numa situação difícil?

FG – Não, nunca teve. Tinha um assim que desconfiavam dele e tal mas só um só – esse um a turma desconfiava que ele era o que estava fazendo força pra que... porque ele também não gostava, porque ele nunca fez nada também, não gostava dos outros. Então os outros não davam bola pra ele também, porque ele nunca fez nada, não é! Então os outros não davam importância para ele.

LF – E o Prof. Olympio...

FG – Quem?

LF – O Prof. Olympio.

FG – O Dr. Olympio foi até honesto, num certo ponto foi muito honesto, muito honesto mesmo. Ele tinha aqui na bioquímica o Dr. Metidieri, um rapaz católico, mas um rapaz assim com o espírito evoluído, assim meio um espírito democrata. Então o Prof. Lacorte foi e disse lá no inquérito que o Metidieri era comunista. Então o menino não tá sabendo de nada. Quando ele foi chamado no inquérito, no civil, aí o Dr. Olympio: – “Olha, mandei chamar você aqui por causa da acusação que o Lacorte fez, que você era extremamente comunista.” Aí o Dr. Emílio: – “Não, mas não é possível, eu não tenho nada de comunista. Eu sou... eu tenho conhecimento democrata, mas não sou comunista. Me dou com qualquer pessoa de qualquer partido, qualquer idéia, desde que seja pesquisador, trabalhador, mas eu não professo a linha do comunismo.” Ele disse: “Foi o Dr. Lacorte que lhe acusou, aqui...” Ele disse: “Olha, Prof. Olympio, acontece o seguinte: só há um motivo, só posso julgar isso do prof. Lacorte por um motivo – por eu ter feito a maior campanha política para que o filho dele se elegeisse deputado, porque eu fui o maior cabo eleitoral do filho dele, para que o filho dele fosse deputado. Até fora, porque eu não sou da UDN e o filho ele é da UDN e eu mudei de partido exatamente pra poder... (Porque o filho dele era paraplégico) E pra poder arranjar a minha família toda, meus amigos todos, procurei dar votos a ele.” Aí mandou chamar o Dr. Lacorte: “Lacorte, vem cá.” (Pra confrontar). Tem uma coisa muito séria aqui: isso é um inquérito, não é brincadeira. Como você ousa de apontar o Dr. Emilio como um sujeito altamente comunista, se o Dr. Emilio nunca professou essas idéias comunistas? Eu quero que você me dê a explicação aqui, agora. Isto não é brincadeira e você podia ter atrapalhado a vida do rapaz com as suas idéias mentirosas. Você vai me dizer aqui agora: onde é que você foi que tomou conhecimento de que o Dr. Metidieri era comunista?”; “Ah, eu ouvi falar assim pro alto.”; “Ah! Então você, porque ouviu falar por alto, amanhã eu vou ouvir falar mal de você por alto, eu vou acusar você de qualquer coisa, de criminoso. Qualquer coisa. Num inquérito, a gente só fala aquilo que a gente tem conhecimento de causa, não porque ouviu falar por alto. De maneira que você errou muito e eu condeno tudo aquilo que você falou – seu depoimento foi todo falso...”

PG – Para aí, esses inquéritos aí seguiram e depois veio a cassação, né?

FG – Depois veio a cassação.

PG – Como é que era nessa época da cassação? O senhor acompanhou esse período?

FG – Acompanhei, acompanhei. Foi sumário. Ninguém esperava nada, quando de repente saiu essa cassação.

LF – Porque veio muito tempo depois, né?

FG – Porque veio muito tempo depois.

PG – E aí, qual foi a reação do pessoal quando soube da cassação?

FG – Ah, foi lastimável. Teve alguns, como o Adolfo Furtado, até chorou à beça, porque ele era muito amigo do Couto, todos os dois faziam parasitologia ali. E o Adolfo Furtado caiu numa depressão danada quanto soube a notícia que o Couto tinha sido cassado, tinha sido punido. Puxa vida! Ele ficou... que ele é católico fervoroso, o Adolfo Furtado, e todos se lastimavam muito. Foi uma coisa verdadeiramente triste, porque todos aqueles que comandavam os outros se abraçaram e... foi lastimável! Uma coisa. Uma derrubada feia mesmo. Todos lastimavam aqueles que foram cassados, foi uma fase deprimente, sabe? Foi uma fase deprimente.

LF – Ô, Chico, tem, alguém que morreu antes, que foi o Walter Oswaldo Cruz – ele não chegou a ser cassado, porque morreu antes – mas ele andou envolvido nessa história. Você podia contar um pouco do Walter Oswaldo Cruz pra gente!

FG – Ele tinha um ódio particular do Walter Oswaldo Cruz, um ódio muito particular. Ódio ele tinha de todo mundo, mas do Dr. Walter ele tinha um ódio fervoroso, porque o Dr. Walter é tal coisa: ele tinha um conhecimento tão grande, uma capacidade de conseguir verba da “Ford Foundation”, da FINEP, de todo lugar – dos Estados Unidos jorrava verba e aparelhagem – e ele modificou todo aquele prédio ali, todos os andares ficaram todos aparelhados.

PG – O Quinino não é?

FG – Não, aqui. Esse daqui.

PG – O Carlos Chagas

FG – Esse prédio, ele transformou isso num grande laboratório de pesquisa com aparelho altamente qualificado, aparelhos moderníssimos, mas tudo dado pela Fundação Rockefeller, a Fundação Ford – Ford Foundation. De maneira que, então, se encheu de raiva o homem. Ele não conseguia nada e o outro que conseguia tudo – ele tinha um ódio mortal do Walter Oswaldo Cruz. Aí começou a fim de acertar aquela campanha ali e o Dr. Walter sentindo aquilo no pêlo. Proibiu: “Não pode mais, não quero mais, a aparelhagem tem que ser dividida pros outros.”; “Mas eu é que consegui com o meu prestígio lá fora. Como eu vou distribuir a aparelhagem? A aparelhagem é minha, porque senão eu mando de volta, mando de volta já que você não consente isso, eu mando de volta.” Aí começou a encher o saco. Tanto assim que o Walter Oswaldo Cruz já tava ruim, tinha que marcar o ponto aqui em cima. Então ele já tava com problema circulatório em virtude dessa campanha e ainda obrigava o Dr. Walter a subir essas escadas. Então eu ficava ali na esquina. Quando o Dr. Walter vinha lá, eu subia, vinha e marcava, pra evitar que ele subisse essa escada. Aí ele nem saía do carro. Mas sempre tem um olheiro e o olheiro foi e contou a ele que eu marcava. Ficava aqui na esquina e como sabia a hora que vinha pra marcar o ponto, eu marcava. Aí, bom, então eu falei com o Dr. Walter: “Agora o homem disse que vai me punir severamente e não vai dar mais. Mas sofreu, o Dr. Walter sofreu perseguição, foi demais, foi demais. Então ele já tava morrendo, mas vinha aí, tanto que ele morreu assim, ele tocando piano, a netinha com a cabeça deitada no colo

dele, tocando piano, que ele gostava muito de tocar piano, arriou a cabeça no piano e morreu, morreu como um passarinho.

LG – A netinha é quem? A Elisa?

FG – É. Dr. Walter... coitado! Como sofreu na mão desse homem. Uma perseguição tremenda! Porque o Dr. Walter conseguia tudo, tudo no exterior. Conseguiu montar talvez o laboratório mais adiantado do continente, que a aparelhagem que tinha o Dr. Walter Cruz era a aparelhagem mais moderna que existia.

WH – Chico, o Rocha Lagoa é que mandou fechar, inclusive.

FG – Inclusive que mandou fechar.

WH – E fecharam? Quê que fizeram?

FG – Fecharam. Fecharam e outra coisa: os aparelhos não foram quase que aproveitados; foram jogados aí em qualquer lugar.

PG – Ô, Chico, dos cassados, eles eram um grupo separado, assim mais unido, ou não tinha muita diferença do resto dos cientistas?

FG – Não. Todos eram um grupo só, tanto assim que os outros que não foram cassados ficaram numa depressão tremenda; os que não foram cassados sentiram como se tivessem sido cassados igual os outros. Era um grupo muito unido, se via colaboração de uns com os outros em termos de pesquisas, era uma coisa formidável – uma harmonia, harmonia quase que a gente não pode nem calcular, que não existe hoje; atualmente não existe essa harmonia que havia entre os pesquisadores – e colaboração um com outro, era uma harmonia perfeita, funcionava como uma orquestra. Então houve um estado depressivo muito grande no grupo que não foi cassado – sentiram como se tivessem sido casados – lamentavam aquela situação.

PG – Agora, depois da cassação, todo mundo concorda que Manguinhos sofreu um baque muito grande, né?

FG – Grande. É.

PG – Agora, quando você olha assim pra trás, antes da cassação e durante todos esses anos que você trabalhou aqui no Instituto, quais foram os períodos realmente importantes do Instituto? Você acha que houve uma decadência depois do Carlos Chagas?

FG – Não, o Instituto, depois do Carlos Chagas não tava bem, aí teve uma curva ascendente quando veio Henrique Aragão – aí teve uma curva muito ascendente – aí subiu, subiu e se manteve lá em cima por muito tempo. Quando Henrique Aragão morreu, que deixou a diretoria, teve uma quedazinha, a curva caiu ligeiramente, mas se manteve ainda num nível muito bom. Era a tal coisa: o Henrique Aragão morreu exatamente também por causa de problemas - havia alguns problemas sérios aí – porque veio a Fundação Rockefeller pra aqui e havia um contrato com o governo brasileiro de a Fundação se instalar aqui nos terrenos do Instituto por 10 anos ou 15 anos. Quando

acabasse esse período, a Fundação Rockefeller entregava as instalações ao Instituto e ia embora. E o pessoal, ela dava jeito lá no pessoal – dispensava ou levava pra outro lugar. E quando terminou o período, a Fundação Rockefeller, por intermédio de um deputado que tinha aí, quis que o Instituto aproveitasse toda a equipe do pessoal da Fundação Rockefeller. Mas, a desproporção salarial era enorme, eles ganhavam 3 vezes mais do que o pessoal do Instituto Oswaldo Cruz, porque era pago por verba americana, então eles podiam pagar salários altos, e aqui o salário era relativamente baixo. Então o Dr. Aragão não aceitou: “Não, só aceito essa condição se equiparar. Eu não quero que baixe o salário da Fundação Rockefeller; quero que equipare os meus pesquisadores, que são fundadores do Instituto Oswaldo Cruz, que equipare aos salários altos que têm os pesquisadores da Fundação Rockefeller. Sem essa equiparação não aceito – não o pessoal, aceito a instalação, o pessoal não aceito, porque são um pessoal que estão aí há pouco tempo, estão há 15 anos e o meu estão há 40, aí com um vencimento lá embaixo”. Então faz o seguinte: “Só assim, senão vou ao Ministro, peço a minha demissão sumária, mas esse acordo não aceito, que meus pesquisadores fiquem com salário 3 vezes menor do que os pesquisadores da Rockefeller, não é concebível de jeito nenhum. Aí eu peço demissão sumária. – Bom, então vamos falar com o presidente Getúlio Vargas”.

Data: 09/01/1986

Fita 3 - Lado A

WH – Está sendo realizada agora a segunda entrevista com o Francisco Gomes, mais conhecido como Chico Trombone. Se acham presentes o entrevistado e Wanda Hamilton⁵⁵, responsável pelo setor de história oral da Casa de Oswaldo Cruz. A entrevista se realiza no dia 9 de janeiro de 1986, à 10:00 horas da manhã. Chico, antes de terminar a entrevista anterior, o senhor estava contando um caso que aconteceu da doença de Chagas, do Prof. Feijó... Poderia contar novamente pra nós?

FG – O Prof. Feijó ele estava interessado em fazer alguns estudos sobre a parte neurológica e circulatória da doença de Chagas. E, na ocasião, eu me encontrava lá fazendo uma campanha exatamente de doença de Chagas. Então o Dr. Olympio concordou que ele mandasse os médicos pra lá – os cardiologistas e os neurologistas. Eles foram, mas o problema era tão grande lá, eles não tinham a menor idéia do foco endêmico de Araxá, então vieram pra passar dois meses lá e ficaram apenas uma semana – ficaram apavorados de ver tanto caso assim de doença de Chagas. Porque a cidade, lá, tem uma parte baixa que é a cidade velha, a cidade centenária, e tem a parte alta que é uma cidade moderna, cidade nova, com prédios todos novos. E o nosso serviço exatamente era na cidade velha, ali é que tinha mesmo o foco endêmico – na cidade velha. Então, a gente saía à noite pra procurar os casos de doença de Chagas, e eles nos acompanhavam. Eles ficaram horrorizados de ver a quantidade, era de casa em casa; quase que de cada em casa tinha dois, três casos de doença de Chagas. Existia lá um asilo de paraplégicos e todos eles, invés de serem acometidos de paralisia infantil ou qualquer outro problema nervoso, era doença de Chagas de forma nervosa. Os neurologistas ficaram apavorados, então eles não ficaram mais de uma semana; foram pra ficar dois meses e ficaram apenas uma semana e voltaram apavorados. Eu nessa ocasião, fiz um relatório, relatório muito bem feito, com todos os casos positivos. Houve um caso até... não sei se já contei, do fazendeiro, que ficou muito aborrecido porque eu dei ele como um caso positivo, porque realmente era, e ele reclamou muito que não poderia ser portador dessa doença. Então como tinha havido uma lei, tinha uma lei na ocasião do falecido Presidente Getúlio Vargas, que os fazendeiros não poderiam manter os colonos em casas de pau a pique, de cafua, e os fazendeiros não obedeciam não obedeceram essa lei. Conclusão: as casas em redor da fazenda, era tudo o que se chamava casa de retiro, eram tudo de tipo cafua. Então eu disse pra ele: “O culpado dessa coisa mesmo é o senhor, porque o senhor não obedeceu o que manda a lei – de manter a casa dos colonos rebocada e pintada de branco (é o que manda a lei). O senhor manteve as casas dos colonos aí tipo cafua, e o barbeiro não tem inteligência pra saber que o senhor é o fazendeiro e o outro é o colono, de maneiras que eles, como eles migraram, migraram da casa do colono pra sua casa de recreio, e eles tavam contaminados, daí veio a contaminação, passou pro senhor.” Ele, não conformado, ainda foi pedir informações à doutora do Posto de Saúde. Ela então disse: “Olha, se o “seu” Francisco lhe fez o exame e acha que viu que o senhor realmente é portador de doença de Chagas, o senhor é portador, não tem dúvida”. Depois voltou lá e foi me pedir desculpa e tal, quis saber onde ele poderia fazer um tratamento, então eu indiquei. Disse: “Olha, ou Belo Horizonte ou Rio de Janeiro, São Paulo, o senhor procura um bom cardiologista e procura se tratar que o senhor tem uma sobrevivência maior”. Então ele se conformou. Essa é uma das campanhas que eu fiz de doença de Chagas – a

⁵ Esta entrevista contou com a participação de Luiz Fernando Ferreira, Vice-Presidente de Recursos Humanos da FIOCRUZ.

última, aliás (eu fiz várias e essa é das últimas). Foi em Araxá – não sei como está agora, mas na época...

WH – Mas essa campanha durou duas semanas?

FG – Não, durou não. A campanha que eu fiz durou meses.

WH – Mas os neurologistas só ficaram duas semanas.

FG – Só ficaram uma semana.

WH – Uma semana.

FG – Uma semana. Uma semana eles ficaram apavorados.

WH – O que eles fizeram na campanha além de detectar o nível de contaminação das pessoas? Seu projeto?

FG – Bom, isso tudo eu escrevi no meu relatório, foi tudo publicado – o meu relatório – mas parece que houve alguma implicação, porque na época aquilo era uma estação de veraneio e talvez pudesse trazer prejuízo pro Estado e pro município, porque daí as pessoas não iriam pra um lugar assim, onde há um foco endêmico de doença de Chagas. Então por isso, talvez, o relatório não tenha sido publicado; porque não acredito que tenha sido publicado, porque eu nunca tomei conhecimento – deve ter havido alguma implicação nisso. Daí, ainda ficamos mais uns dois meses e fizemos algumas capturas de animais contaminados, mandamos pra aqui e aí encerrou essa campanha em Araxá. E... vamos passar adiante.

WH – Perfeito. Você falou já do Joaquim Venâncio, né? Eu gostaria que você continuasse falando mais do grupo técnico que trabalhou com você. Como é que era o ambiente entre essas pessoas?

FG – Olha, o ambiente aqui era o mais fraternal possível. Nós vivíamos como uma família, como irmãos de uma família, porque a maioria dormia aqui – tinha um apego ao serviço – e então nós morávamos aqui. Era um grupo de... morávamos um grupo de 22 e morávamos em vários lugares. Tinha quarto lá embaixo na cocheira – nas duas cocheiras tinham dois quartos, onde moravam alguns –, tinha um quarto nessa cocheira de cima, que era um lugar onde deveria ser colocada alfafa pra os cavalos, então aqui era muito grande e nós transformamos em quarto (aqui tinha 12 camas) e tinha ali no pavilhão de peste também, que eram dois quartos, e morava nós quatro ali. Então nós vivíamos fraternalmente aqui, porque os pesquisadores, eles por necessidade, às vezes ficavam, dormiam aqui também, nesses quartos, e nós ficávamos até altas horas da noite, às vezes dobrava a noite, passava a noite toda trabalhando no laboratório. Isso explica bem uma tese para professor titular do Prof. Thales Martins, a tese que ele fez pra professor titular da do curso de fisiologia lá da Praia Vermelha, pra ocupar o lugar de Álvaro Osório de Almeida. Ele faz essa citação na tese dele: que ele só conseguiu realizar aquele trabalho da tese com a minha ajuda e a ajuda de um outro colega, que ficávamos até altas horas da noite com ele ali trabalhando no laboratório. Nossa vida era fraternal. Nós comíamos e dormíamos e no fim da semana íamos pra casa.

LF – Como era trabalhar com Thales Martins, Chico?

FG – Ah, era difícil, muito difícil, mas difícil mesmo. Era um homem difícilíssimo, mas de uma inteligência, de uma capacidade... ele foi o fundador da endocrinologia no continente, uma inteligência fora do comum. Era um poliglota, ele falava bem, escrevia em quatro idiomas estrangeiros e era muito difícil, muito difícil. Só mesmo um espírito abnegado poderia agüentar ele; não era qualquer um não.

LF – Eu me lembro dele, porque ele foi meu professor na Escola de Medicina.

FG – Lá na Praia Vermelha.

LF – Na Praia Vermelha.

FG – Mas lá ele já estava mais calmo, já estava mais moderado, mas enquanto foi aqui, era terrível, difícil de... eu fui o que conseguia ficar mais tempo com ele, porque eu aprendi a discutir com ele. Então eu discutia as coisas com ele, e aí aquilo acabava. Eu discutia, eu tinha o meu direito, ele tinha o direito dele, eu tinha o meu direito então eu discutia com ele, nós discutíamos e acabava que ele achava que eu também era indispensável para o trabalho dele e ele me suportava. Mesmo quando ele descobriu esse diagnóstico da gravidez, nós não tínhamos coelhas aqui, a nossa criação de coelha tava muito fraca, eu ia procurar coelho com umas pastas grandes, andava isso tudo aí, porque tinha que ser coelha virgem. Eu tinha que andar o dia inteiro procurando, porque não tinha coelha virgem aí e foi uma pena. Então uma das coisas que aconteceu, que ele descobriu, descobriu toda a mecânica do diagnóstico da gravidez e o diagnóstico da gravidez tomou um outro nome. Então, quando eu fazia uma reação para diagnóstico de gravidez, eu botava o nome dele e os clínicos indagavam porque que eu botava o nome dele – eu botava porque ele foi quem descobriu a reação do diagnóstico da gravidez. “Mas não foi Friedman (INAUDÍVEL)?”; “Não, não foi Friedman (INAUDÍVEL), foi Thales Martins. É que a publicação dele, ele publicou dois meses e... parece que 18 dias antes do Friedman ter publicado, mas como a nossa publicação não ia, quase que não atravessava a barreira do exterior, então eles, naturalmente, não tomaram conhecimento que um pesquisador brasileiro já tinha descoberto a reação para diagnóstico de gravidez.” Os clínicos ficavam muito curiosos, por que eu botava reação de Thales Martins.

LF – Você sabia, né?

PG – Eu sabia perfeitamente que Friedman (INAUDÍVEL) tinha descoberto dois meses... publicou dois meses e dezoito dias depois.

WH – Teve maior repercussão internacional a publicação deles.

FG – Teve, porque a revista deles tem trânsito mundial e a nossa aqui tinha um trânsito muito... quase que não era conhecida no exterior.

WH – Na Memória do Instituto.

FG – Na Memória do Instituto Oswaldo Cruz. Depois é que a Memória passou então a atravessar essa barreira internacional. Aí as coisas que se faziam aqui passou a ser mais conhecida lá fora.

WH – Por quê que você acha que passou a ser mais conhecida? O que levou a se tornar mais conhecida?

FG – Ah, porque aí o diretor da época, que foi o Dr. Chagas, Carlos Chagas obrigou que todos os trabalhos tivessem três resumos, dois resumos aliás, um em inglês e o outro em alemão – e por esse resumo, naturalmente a revista tinha mais franquia e podia atravessar essa barreira internacional por causa dos resumos. Todo trabalho que era publicado tinha que ter um resumo em inglês e outro resumo em alemão. Então os trabalhos brasileiros e os trabalhos do Instituto passou a ser mais divulgado na época.

LF – Ô, Chico, e o Cardoso Fontes? Como era... ele foi diretor depois do Chagas.

FG – Foi.

LF – Como era o Cardoso Fontes?

FG – Era muito introvertido. Era muito bom pesquisador, mas muito introvertido, sabe? Falava pouco, era um dos que não, não era assim muito cordial. Havia uma cordialidade geral em todos os pesquisadores – ele era introvertido, mas como pesquisador um baluarte.

LF – Mas era difícil de trato.

FG – É, difícil, ele era difícil. Os outros todos nós chamava, conversava, se a gente pedia informação, eles prontamente davam, eram homens abertos e francos. O Cardoso Fontes era mais fechado um pouquinho, era muito introvertido, mas era um bom pesquisador, e um bom homem.

LF – E quando ele foi diretor, como é que foi o Instituto sob a direção dele?

FG – Ele fez um direção razoável, na época foi razoável: manteve a coisa como estava, não fez muita modificação nas coisas, deixou tudo mais ou menos como estava e não melhorou nem piorou, ficou a coisa andando com a mesma velocidade – ele não fez assim coisas extras. Agora, depois dele é que veio o Dr. Aragão – esse foi um baluarte. Henrique Aragão foi um verdadeiro baluarte.

LF – Mudou muita coisa?

FG – Fez e construiu, arranjou verbas internacionais e reativou reavivou isso tudo – reavivou de uma forma espetacular. Modificou tudo, deu o melhor até ... Ele não morreu de morte natural; ele suicidou-se.

LF – O Dr. Aragão?

FG – É, ainda apaixonado com o desprestígio que queriam fazer com os pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz – paixão imorredoura. O Presidente Getúlio Vargas chamou ele duas vezes para que ele continuasse no Instituto, mas ele só se comprometeu a continuar se fosse desfeito aquilo que o próprio governo tinha feito: incorporar a Fundação Rockefeller ao Instituto Oswaldo Cruz, sendo que na Fundação Rockefeller, os pesquisadores ganhavam três vezes mais do que os pesquisadores do Instituto. E em relação dos pesquisadores da Fundação Rockefeller com os Instituto a diferença

era enorme, porque os pesquisadores da Rockefeller eram novos, tinham vindo pra aqui por contrato – um determinado ano de contrato – e depois ele deveriam ir embora, deixavam as instalações, mas não contrato de ficar com os pesquisadores bem com os servidores; só ficar com a instalação, com o prédio, e depois entregar ao governo brasileiro, mas não com os funcionários. Então os funcionários, apavorados, arranjaram um padrinho deputado, que era do PSD, e esse deputado conseguiu que fosse incorporado todo o pessoal – as instalações do prédio e o pessoal também. Aí, como o Dr. Aragão não tinha recursos para nivelar os salários aos salários dos pesquisadores da Fundação Rockefeller, ele foi ao Presidente e disse: “Olha, eu não posso desprestigiar meus pesquisadores que já estão lá há trinta e tantos anos, desde a fundação. Eu só aceito se os meus pesquisadores forem nivelados - os salários - com os pesquisadores da Fundação Rockefeller.” O governo achou que era um pouco difícil e tal na época.

LF – Quando foi isso?

FG – Isso foi em 45, por aí. O Dr. Aragão então se apaixonou: “Não, então eu peço a minha demissão irrevogável. Se os meus pesquisadores não alcançarem o nível salarial dos pesquisadores... Eu não vou deixar que os meus pesquisadores trabalhem em condições iguais e com vencimentos baixos – será uma humilhação. Então eu não aceito essa condição. Se puder equiparar, fazer uma comparação de vencimentos, eu continuo à frente do Instituto Oswaldo Cruz”. Então, como o governo, o país, andava atravessando uma fase má, financeira, e ficou protelando aquela coisa, teve de aceitar a demissão dele. Então ele ficou muito apaixonado – ele se atirou da escadaria...

LF – Aqui

FG – Não lá... do prédio onde ele morava, da casa dele.

WH – Me diga uma coisa, Chico: além desse atrito em relação à Fundação Rockefeller, existiam outros atritos entre o Instituto – a direção do Instituto – e o governo Getúlio Vargas?

FG – Não. O governo Getúlio Vargas dava apoio irrestrito ao Instituto, dava apoio irrestrito.

WH – Porque essa época foi quando o Instituto passou a depender do Ministério da Saúde.

FG – Da Saúde – que era o Ministério da Educação e Cultura. Aí foi criado o Ministério da saúde e nós fomos incorporados ao Ministério da Saúde e nós fomos incorporados ao Ministério da Saúde.

WH – Como repercutiu esse fato aqui dentro do Instituto?

FG – Sobre a...

WH – A incorporação.

FG – Mal recebido dado a essa diferença de vencimentos – ninguém poderia ficar satisfeito, quer dizer, enquanto um técnico da Rockefeller ganhava um salário compensador, um técnico do Instituto ganhava um salário muito baixo, porque nós obedecíamos a lei e eles, como era verba americana, podiam dar salários à vontade.

WH – Mas eles contratavam técnicos brasileiros ou eram todos estrangeiros?

FG – Não, técnicos brasileiros – todos os técnicos da Fundação Rockefeller eram brasileiros, com exceção de três ou quatro, que eram da matriz da Fundação Rockefeller nos Estados Unidos; o resto era pesquisadores contratados no Brasil. Mas essa diferença era aberrante, trazia um mal-estar muito grande na época, porque os pesquisadores daqui do Instituto já estavam aqui, o que?, há trinta e tantos anos já e os pesquisadores da Rockefeller vieram recentemente. Então, em termos de salário, era um contraste muito grande, trazia até um estado de mal-estar.

WH – E os trabalhos eram prejudicados por essa situação? As pesquisas? Havia algum problema?

FG – Não, não eram não, não havia problema. Havia esse problema, mas entre os pesquisadores não havia problema nenhum – se davam uns com os outros, eram fraternais. Entre problema de pesquisa não houve nada, tanto assim que eles tinham uma colônia de macaco *rhesus* muito grande, que eles podiam importar direto dos Estados Unidos. Então cediam pra nós, aqui no Instituto, muitos macacos *rhesus*, quando precisávamos. Eles eram muito solidários, mesmo em termos de Fundação Rockefeller, antes de ser incorporada, eles eram muito solidários com o Instituto, sabe, com o pessoal do Instituto. Depois que incorporou, então aí ficou uma coisa só; não havia diferença entre pesquisador dali nem daqui – era tudo pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz. Mas essa diferença salarial é que era o ponto de discórdia. Mas eles não tinham nada com isso, porque a lei não permite rebaixar salário.

WH – Em termos de financiamento, de pesquisas aqui, a Fundação Rockefeller começou muitas pesquisas. Houve um crescimento muito grande dos trabalhos nessa época ou se manteve mais ou menos?

FG – Não, se manteve mais ou menos a mesma coisa. Eles tinham verba levando em conta que vem sob condição direta da Fundação Rockefeller – matriz. Depois que eles se incorporaram, então a verba era uma só, era tudo Instituto, não tinha diferença. E os trabalhos de pesquisa continuavam no mesmo nível: os pesquisadores de lá vinham pra cá, os daqui iam pra lá... passou a ser uma coisa só, não que eles tinham financiamentos muito bons, porque eles estavam sob o regime americano – então, verba pra eles era como areia em beira de praia.

WH – Era uma época em que se importou muito material?

FG – Não, aqui a gente passou algumas crises assim de material na época, enquanto eles lá não havia crise. Agora, depois da incorporação, passou tudo a mesma coisa, tanto que eles sentiram isso. Eles próprios...

Fita 3 - Lado B

FG – ... O Dr. Aragão conseguiu quase um milagre em questão de verba, sabe? Porque ele reaparelhou o Instituto todo. Fez obras. Foram neste prédio e lá, que se chamava Helminologia, nesse prédio aqui, que era o restaurante, no prédio lá da febre amarela. Voltou a coqueira que tinha sido transformada em biotério, voltou novamente ser a coqueira original. Foi uma pena, foi deplorável ter transformado uma coqueira dessa aí que era só de animais doadores de soros imunes

e ser transformado em biotério – que ficou um biotério todo sem lógica nenhuma. Ele tornou a transformar em cocheira dos animais doadores de soros imunes. Fez o pavilhão de oficinas, o hospital - o novo prédio do hospital - e ele conseguiu melhorar bastante o Instituto.

WH – Inclusive contratou mais gente?

FG – Contratou mais pesquisadores, dava verba pra compra de material, não faltava nada.

WH – E essa verba ele conseguia...

FG – Não sei, ele conseguia no exterior – conseguia aqui e no exterior.

WH – E as verbas do governo continuavam...

FG – Continuava no mesmo nível, mas ele sobrepuja com verbas do exterior, que recebia do exterior. Fez fábrica de penicilina – não tinha, não se fazia penicilina no Brasil – ele começou a fabricar, comprou todas as aparelhagens capaz de fabricar penicilina. Foi o primeiro lugar no continente a fabricar penicilina. Foi aqui no Instituto, ainda foi feita pela mão do Dr. Aragão. Ele comprou toda a aparelhagem, e nós fabricávamos penicilina e mandava até pro exterior, não é. Mandava nossa penicilina pro exterior. E daí pra cá os outros diretores mantiveram no mesmo nível, mas sem fazer assim coisas extraordinárias. O que fez mesmo coisas extraordinárias foi o Dr. Aragão.

WH – Eu ia perguntar uma coisa, nesse período mais ou menos, de 45 a 50, foi quando acabou a verba da...

FG – Chamada Manqueira.

WH – Da Manqueira. Em que medida isso se refletiu dentro do Instituto?

FG – Ah, muito grande. Houve uma queda, mas que depois o negócio foi contrabalançado rapidamente.

WH – Houve uma queda em que sentido?

FG – Houve uma queda assim porque a Manqueira mantinha uma parte do pessoal e o pagamento de pessoal e, também, a verba servia pra compra de material pra pesquisa. E com a perda dessa verba, o Instituto teve uma pequena queda, mas que depois o negócio foi equilibrado e voltou novamente o que era.

WH – O seu salário, inclusive, tinha recursos dessa verba.

FG – Tinha.

WH – Ele caiu quando acabou a comercialização da vacina?

FG – Não, porque nós recebíamos... Eu, por exemplo, e uma grande maioria recebia por essa verba

e quando terminou, os laboratórios fizeram um mandato de segurança. O Instituto não poderia fazer competição de produtos terapêuticos com laboratório particular, então foi aí que o Instituto teve que deixar de fabricar a Manqueira como produto vendável. Os outros não, eram produtos de uso de saúde pública, podiam ser fabricados, mas a Manqueira era exportada pra toda América do Sul. Eles acharam que isso era uma concorrência para os laboratórios particulares, e agiram, e o Governo tomou a deliberação de mandar suspender a fabricação da vacina. Então nós perdemos uma verba muito grande, porque tinha verba de pessoal e verba de material. Essa verba mantinha ração de animais, era verba pro pagamento de grande parte do pessoal e compra de aparelhos, verba pra qualquer coisa de emergência, então na saída dessa verba houve realmente uma queda, mas depois tudo se nivelou novamente. O Dr. Aragão procurou financiamentos e verbas internacionais, e voltou novamente todo o equilíbrio. Não houve assim muito tempo de nós ficarmos sem amparo de verba.

WH – Se fala, por exemplo, que nessa época é que começa o processo de decadência do Instituto – a partir da diminuição das verbas – do nível do pessoal que estava desenvolvendo trabalhos. Quê que você acha disso?

FG – Não, o nível não caiu, não chegou a ter queda de nível, porque é a tal coisa: o Dr. Aragão não deixou que a coisa chegasse a um ponto calamitoso, ele procurou agir e conseguiu verbas que substituíram a tal verba da Manqueira, que era chamada a verba da Manqueira. Então não houve desnível assim notado de queda de pesquisas nem de trabalho – não houve assim uma queda que pudesse trazer qualquer prejuízo pro Instituto no seu dia-a-dia.

WH – Perfeito. Já que estamos falando nisso, você começou a colaborar com Manguinhos desde os 7 anos de idade.

FG – Desde 7 anos.

WH – Você foi contratado em que época pra trabalhar aqui?

FG – Eu fiquei recebendo através lá, da Manqueira, até a idade de 14 anos; com a idade de 14 anos, então eu passei a receber por verba do Ministério, que era chamada verba III. Mas até então eu recebia por essa verba da Manqueira

WH – Mas já existia um contrato? Você já estava ligado ao Instituto?

FG – Não, não tava ligado diretamente ao Instituto, porque a lei não permitia, dado a essa idade de 7 anos a lei não permitia. Eu fui começar a minha ligação após a idade de 14 anos – com 14 anos eu passei a ser funcionário mesmo.

WH – Existia na época o clube dos Funcionários. O quê que era isso?

FG – Não, como clube oficializado nunca existiu.

WH – Era mais uma reunião?

FG – Era uma reunião do pessoal. O pessoal era muito unido, então era mais uma reunião. Nunca

houve assim clube de funcionários, nunca existiu na época não.

WH – Mas não havia atividades culturais na época? Você inclusive tinha uma banda de música.

FG – Tinha, mas era uma coisa toda assim extra. A banda nossa era extra, não fazia parte assim... Só tinha aqui, assim de esportivo, o futebol – nós tínhamos um clube, que era o Manguinhos Futebol Clube. Essa era a única parte social que era realmente do Instituto. Nós tínhamos o campo de futebol, tinha material esportivo, tinha bola, tinha tudo, mas outra qualquer atividade social assim não tinha.

WH – Você trabalhou também, além de com Miguel Osório e Thales Martins, no laboratório com o Magarinos Torres.

FG – Com o Magarinos Torres... Eu trabalhei com quase todos eles – eu trabalhei com o Magarinos Torres, Miguel Osório, Thales Martins, Genésio Pacheco, Burle de Figueiredo, trabalhei com o Gilberto Villela, com... O último aqui foi o Gilberto Villela, e trabalhei com Evandro Chagas, Álvaro Lobo, Emanuel Dias, aqui na entomologia. Eu trabalhei com Costa Lima, depois do Costa Lima, eu trabalhei com quem? Só. O Costa Lima foi quando o Miguel Osório viajava muito, porque ele tinha muito prestígio internacional – ele foi o homem que descobriu a causa do... ajudou até no problema da Guerra Mundial, tanto que ele foi o primeiro presidente da UNESCO.

WH – Primeiro Presidente da UNESCO?

FG – Da UNESCO. Porque com o que ele descobriu... Os aviões de caça ingleses – tinha um que era ‘Hurricane’ e outro ‘Spitfire’ - e esses aviões, quando eram de caça, quando davam o mergulho em cima do objetivo, os pilotos perdiam a noção e às vezes caía fora do objetivo. Então ele descobriu que era um problema de labirinto. Ele começou a estudar labirinto e descobriu um aparelhinho que o piloto botava no ouvido e corrigia – corrigia, porque eles perdiam a noção – e aquele aparelho mantinha eles com a vivacidade perfeita, então eles bombardeavam o objetivo. Então ele foi muito considerado internacionalmente. Então ele viajava muito e quando viajava ficava seis, oito meses fora. Então, nesse período, eu passava a trabalhar exatamente com os outros pesquisadores, enquanto ele viajava. Quando ele voltava, eu ia novamente pro laboratório dele. Esse merecia também ter uma estátua aí, sabe? Porque ele foi o fundador da fisiologia no Continente. A fisiologia era um estudo que não entrava no currículo médico e ele fundou a fisiologia com aparelhos comprados por ele. Em casa dele fez um laboratório, organizou um laboratório, que vinham pesquisadores de fora pra se aperfeiçoarem no laboratório dele particular que ele tinha em casa.

WH – Costa Lima?

FG – O Miguel Osório.

WH – Miguel Osório, claro!

FG – O Miguel Osório de Almeida. Então vinham pesquisadores de fora pra se aperfeiçoarem e trabalhar em fisiologia no laboratório dele.

WH – Você chegou a frequentar o laboratório?

FG – Não – no laboratório dele particular, que eles tinham em casa deles, não. Eu só fui conhecer Miguel Osório depois que ele foi contratado por Carlos Chagas. Ele veio desenvolver pesquisas fisiológicas aqui no Instituto Oswaldo Cruz.

WH – Você trabalhou também, Chico, em laboratórios privados. Como é que você conciliava o trabalho em laboratórios privados e o trabalho aqui em Manguinhos?

FG – Bem, aí era quase sempre na parte da... depois do expediente aqui – depois do expediente, em determinadas épocas. Trabalhava na parte da noite, que era sempre laboratório industrial. O primeiro laboratório foi de Nicanor Gonçalves, em Botafogo – acho que tinha o nome de Laboratório de Quimioterapia Ltda. Eu saía 5 horas e ia pra lá e trabalhava até 9, 10 horas da noite. Depois é que a coisa foi tomando outro jeito, aí eu passei já a ter um pouquinho de tempo na parte da tarde.

WH – A coisa foi tomando um outro jeito... O que quer dizer isso?

FG – O outro jeito que foi também é que as pessoas, os pesquisadores com quem eu trabalhava não tinham o hábito de trabalhar na parte da tarde/noite. Então eu aproveitava a tarde/noite pra trabalhar lá fora. Mas quando era pesquisador que trabalhava à noite, não tinha essa oportunidade de trabalhar fora.

WH – A sua formação se deu na prática em laboratórios, aprendendo junto com os pesquisadores...

FG – É, na prática. Porque o Dr. Chagas me mandou pra Belo Horizonte, pra mim fazer o curso lá, que era o que se chamava... O Vestibular se chamava curso preparatório, e eu não cheguei a terminar esse curso lá em Belo Horizonte porque ele morreu em 1934 – quando ele morreu, eu não estava aqui, estava em Belo Horizonte – então eu tive que interromper e voltar novamente pra aqui, mas já tinha mais horário pra estudar.

WH – Porquê que você foi chamado? Foi quando o Cardoso Fontes assumiu, aí ele te chamou...

FG – Mandou me chamar por telegrama.

WH – E você sabe o motivo?

FG – Não, o motivo não, o motivo não sei. Foi muito mal recebido o telegrama, porque eu já estava muito entrosado lá em Belo Horizonte – foi muito mal recebido o telegrama da minha volta, do meu retorno. Aí tive que interromper, e a luta pela vida, e trabalhando, não podia recusar de ficar até mais tarde. Ainda frequentei aqui algum colégio à noite, mas não houve condição assim de eu poder me formar em nada.

WH – E cursos de formação de técnicos, havia em que época do Instituto?

FG – Ah, começou muito tarde aqui – como curso mesmo começou muito tarde – começou em 60 mais ou menos. Começou muito tarde.

WH – Pra formação de pessoal técnico.

FG – Pra formação em técnico – o técnico era todo feito nos próprios laboratórios, porque revezávamos de laboratório pra laboratório e se aprendia então todas as coisas dado a esse revezamento: ia da microbiologia pra imunologia, da imunologia pra protozoologia, pra entomologia, pra bioquímica, pra fisiologia... e assim a gente acabava formando um técnico de conhecimento mais ou menos geral. Mas não havia curso assim específico de formação de técnico de laboratório.

WH – E você colaborou no aprendizado de outros técnicos?

FG – Ah, bastante, colaborei bastante, porque os novos que chegavam, a gente tinha que ensinar, e a gente fazia aquilo com muito prazer – ensinar os colegas novos que ingressavam. A gente tinha o maior prazer de ensinar tudo aquilo que a gente tinha aprendido. Depois, os pesquisadores da época eram formidáveis. Eles chamavam a gente, ensinavam o porquê que acontecia, como era, como fazia, levava a gente pro microscópio, ensinavam tudo, tudo – não é deixar a gente fazendo uma coisa numa rotina e ficar naquilo só não – ensinavam a gente, eles tinham orgulho de que a gente aprendesse e se tornasse um bom técnico de laboratório. Então eles ensinavam mesmo pra valer; não se escondia jogo, como se diz aí na gíria. Tudo que eles estavam fazendo, a gente tomava conhecimento – o que eles estavam fazendo e porque e como era que tinha que se fazer. Então, daí, nós éramos técnicos de laboratório completos, era versátil pra tudo.

WH – Todos eles? Todos os pesquisadores?

FG – Todos tinham que correr inclusive oficinas, inclusive serviço de oficina. Pega qualquer um técnico... é que eles agora já pouco existem, mas passou por carpintaria, passou por bombeiro. Eu trabalhei na cavalaria (sangramento de cavalos), passei pela oficina de bombeiro, de carpinteiro...

WH – Atualmente isso não ocorre mais.

FG – Não ocorre não, o que é uma pena. Porque aí, qualquer coisa que tinha no laboratório, fácil assim da gente poder contornar, manipular, a gente tinha pelo menos a experiência. Então fazia muita coisa, um conserto de uma gaiola, uma coisa qualquer de emergência assim a gente tinha habilidade pra fazer, porque a gente tinha passado pelas oficinas e pela cavalaria manipular com cavalo – sabia fazer todas essas coisas, o que não acontece agora. Hoje, se chamar um técnico de laboratório pra manipular um cavalo aí, o sujeito não sabe, tem medo.

WH – Me diga uma coisa: você chegou a trabalhar com o Carlos Chagas Filho?

FG – Não, porque, eu dei muita ajuda a ele, mas já na Praia Vermelha – colaborei com ele muito na Praia Vermelha – mas não aqui, porque ele não pertencia ao corpo técnico aqui do Instituto Oswaldo Cruz. Ele se formou e ficou lá pela Universidade do Brasil e não se incorporou diretamente ao corpo técnico. Ele vinha aqui e fazia alguma coisa, mas sem pertencer ao corpo técnico de Manguinhos. Ele chegou a fazer muita coisa por aqui, porque ele gostava disso aqui, e ele era muito amigo de todo pessoal – o Dr. Astrogildo Machado era padrinho dele – de maneiras que ele colaborava com o Instituto, mas sem pertencer ao corpo técnico do Instituto.

WH – Foi na época da desincompatibilização?

FG – Foi.

WH – Muita gente chegou a sair do Instituto nessa época?

FG – Não... Não sei o quê que a senhora diz a época da desincompatibilização – não entendi bem, pra mim eu desconheço assim época de desincompatibilização. Houve isso? Não sei.

WH – Foi uma lei que saiu que exigia que os pesquisadores tivessem apenas um vínculo.

FG – Ah, um vínculo? Ah, todos tinham um vínculo só. Quando tinha dois vínculos, era oficialmente, fazia parte mas sem vencimento. Carlos Chagas mesmo foi diretor de saúde pública sem vencimento de diretor de saúde pública, só com vencimento do Instituto Oswaldo Cruz, compreende? Ele só recebia por aqui e era diretor, e ele era daqui, e era diretor de saúde pública. De maneiras que era como colaboradores, não tinha dois vínculos assim – não se usava dois vínculos naquela época, dois vínculos com dois vencimentos não – colaboravam assim. Por isso é que eu estranhei um pouco o termo desincompatibilização, porque era sem vencimento, colaboravam mas sem vencimento, recebendo só por aqui.

WH – Você trabalhou quase 50 anos no Instituto. Você pode distinguir várias fases em termos de trabalho no Instituto, de pesquisa e desenvolvimento, por exemplo?

FG – Sim. Por exemplo, com Thales Martins, ele fez uma descoberta que até hoje eu pergunto aos endocrinologistas – que eu trabalho num Instituto de endocrinologia também – e eles não me dão solução nenhuma. Por exemplo: ele pegava os embriõezinhos de gambá... e eu ia buscar urina na Maternidade – eles colhiam todas as urinas das pacientes e botavam na geladeira. Então eu ia com o caminhão lá, apanhava cinco, seis galões de urina de pacientes, lá na Maternidade, trazia e nós manipulávamos isso. Nós levávamos um dia e noite manipulando aquilo. Um galão daquele era dado como resultado final 3 mililitros de aproveitamento no final da manipulação. E aquilo era misturado a um óleo, um óleo neutro, e que ele, com um instrumental muito fino que ele trouxe da Alemanha, instrumento...

Fita 4 - Lado A

FG – ... e ele abria uma fístula no dorso do animal e a gente mantinha aquela fístula aberta. Quando o animal chegava em estágio adulto, nós fazíamos flotis daquela incisão ali, daquela fístula...

WH – Que quer dizer isso?

FG – Flotis é um esfregaço do material colhido daquela fístula. A gente passava pra uma lâmina e corava, encontrava as células perfeitinhas do ciclo menstrual da mulher. Então a turma dizia que ele queria modificar a regra do jogo – transformar o homem em mulher e mulher em homem. É realmente. Ele chamava aquilo de enxerto de vagina. Realmente é uma coisa fabulosa – depois de um certo tempo, o macho criava a bolsa de ter os filhotes, que só a fêmea tem aquela bolsa né marsupial, e quando ele ia chegando adulto, criava aquela bolsa pra ter os filhotes (isso o macho).

E nós encontrávamos fazendo o floris dali da fístula, encontrava todas as células do ciclo menstrual da mulher. De maneira que aí nós já estávamos bem adiantados. Mas houve um temporal e os animais estavam nas gaiolas atrás desse prédio aqui⁶⁶ – era o mais distante. Como tinha uma porta de saída perto das estantes das gaiolas, a gente aproveitou e fez aqui pertinho, que a gente, mesmo que chovesse, já apanhava a gaiola e conduzia pro laboratório. Mas houve um temporal muito forte, muito grande durante a noite e jogou a estante toda no chão, as gaiolas, os animais todos de experiência caíram fora. Então daí pra cá, ele desistiu de fazer essa pesquisa ou ele se apavorou não-sei-porquê. Ele nem falou nunca mais nisso, nem continuou nesse sentido. Não sei a razão pela qual ele tomou essa atitude. Talvez com medo de que no futuro pudesse isso transformar em qualquer coisa pra ser usado no homem e ele parou com essa pesquisa, nunca mais ele tocou esse tipo de pesquisa. Que isso eu achei uma coisa que ele deveria ter continuado, não sei porquê. E a explicação que eu peço às vezes a esse pessoal de endocrinologia, eles não dão explicação sobre isso, enrolam, enrolam, mas não dão explicação.

WH – Existiam muitas pesquisas assim que paravam com o tempo?

FG – Ele? Thales Martins.

WH – Não, em geral.

FG – Em geral tinha, eram pesquisadores de maior gabarito, sabe? Eles chegavam a fazer refeição na mesa deles de trabalho – a dedicação era fora do comum. Naquele tempo a dedicação era fora do comum. Assisti muitas vezes o Dr. Lutz comendo sanduíche na mão e a mão no microscópio, e dava mordida no sanduíche, ficava mastigando e olhando no microscópio... era de uma... eles eram bons. Não posso, não tenho termo pra explicar tanta avidez pra pesquisa. Eram homens que se dedicavam de corpo e alma, viviam aqui, passavam as vezes uma semana fora de casa, dormindo aqui pra continuar uma pesquisa que não pudesse ser interrompida, era formidável. A gente sentia também entusiasmado pra ver o resultado final – a gente sentia aquele entusiasmo e procurava auxiliar em tudo. Eu por exemplo, eu ficava entusiasmado com essas coisas. Quando era uma pesquisa assim que eu começava desde o princípio, aquilo era um entusiasmo grande, a gente ficava angustiada pra ver chegar a conclusão da pesquisa. Eles eram muito dedicados, dedicação não faltava. Podia faltar tudo... Às vezes eram homens que não tinham recurso não, não é dizer que eram ricos; tinham alguns que tinham algum fundo de reserva e tal, mas outros, a grande maioria não tinha não. viviam de salário daqui, exclusivamente de salário, mas se dedicavam de corpo e alma à pesquisa. E isso nos trazia também grande entusiasmo - gente até com risco de vida. Quantas vezes eu trabalhei aí com risco da própria vida, né?

WH – Quando? Que caso você arriscou a vida?

FG – Aqui, por exemplo, nas campanhas que a gente fazia aí pelo interior do Estado, a gente tava sujeito a pegar uma doença tropical, malária, leishmaniose, doença de Chagas, esquistossomose... Quantas vezes eu, naquelas chácaras lá de Jacarepaguá, tinha umas chácaras ali que eu descobri um foco de esquistossomose – eu comecei a fazer exame das fezes daqueles portugueses chacreiros e todos eles tavam contaminados. Aí eu comecei a procurar e peguei uns exemplares com as mãos e todos eles tavam contaminados. Eu trouxe para aqui, botei uma lâmpada em cima e eles

⁶⁶ A entrevista foi realizada na sala 25 do Castelo

começaram a eclodir cercárias. Então, eu falei com o meu chefe – que nesse tempo eu tava com o Geth Jansen – e o Geth Jansen ficou muito entusiasmado e queria propor até fechar, acabar com aquelas chácaras ali, porque aquilo era um foco endêmico que podia trazer vários problemas. Mas, se eu não me engano, eu acho que as chácaras devem continuar até hoje lá no mesmo lugar.

WH – Mas foi feito algum tipo de trabalho lá?

FG – Foi. Ele publicou um trabalho sobre esse foco endêmico lá de Jacarepaguá.

WH – E o trabalho era pra erradicar a doença?

FG – Pra erradicar também com sulfato de cobre, mas era quase que difícil porque a plantação de agrião era muito grande e agrião com sulfato de cobre não dá certo, e o negócio já vinha e as águas já vinham contaminadas de outros lugares, já vinham drenadas de outros lugares e já devia ter gente portador da doença, e defecavam na beira da correnteza da água e a água vinha ali pros canteiros de agrião. E deve ter um trabalho dele aí que fala sobre isso. E a gente tinha muito risco de vida quando trabalhava com essas doenças tropicais – doença de Chagas, por exemplo, a gente conhecia pouco ainda. Eu, por exemplo, não sabia de nada ainda pra mim doença de Chagas não tava dizendo nada, e quantas vezes peguei barbeiro infestado, em captura de barbeiros peguei infestados e hoje eu devia ser portador (já estaria morto pela idade, já tinha entrado numa miocardite aí tremenda). Mas a gente enfrentava isso sem medo nenhum, enfrentava esses perigos todos, malária, lugares infestados de malária, de leishmaniose... Eu, quando fui pra Belém com Evandro Chagas, fiquei apavorado por causa da filariose. Porque lá a gente encontrava três mulheres, duas tinham a perna inchada de filariose. Então fiquei apavorado, porque a filária é transmitida por esse mosquito comum aí, o culex. Então eu amarrava um cortinado, prendia o cortinado por toda a rêde, fechava a rêde toda e ficava vendo a mosquitada ali batendo, eu com um medo tremendo: “ih, meu Deus, vou pegar esse negócio aqui”. Dei graças a Deus porque o foco era só dentro de Belém. Então nós fomos pro mato e no mato ao menos não tinha foco de filariose. Aí fomos pro mato, depois ele fundou o Instituto Evandro Chagas lá, trabalhamos mais uns três anos...

WH – Você esteve três anos trabalhando em Belém?

FG – Em Belém. É, três anos lá em Belém. Aí houve o problema dele, que ele teve aquela morte súbita, aquele desastre de avião, aí é que eu parei, não fui mais pra lá.

WH – O projeto continuou existindo?

FG – Não sei, não sei. O Instituto ficou lá organizado, ele organizou um instituto de pesquisas muito bom lá. Estava formando já pesquisadores. Ele era pesquisador de alto gabarito. Evandro Chagas foi um expoente, moço ainda, mas um expoente da ciência. Ele era Evandro Chagas era de uma versatilidade muito grande, ele conhecia tudo, era um bom clínico, um bom pesquisador, ele começou a fazer radiologia, fazia tudo. Era um homem versátil, era como Adolfo Lutz, que era super versátil – esse então, esse sabia de tudo: era clínico, era microbiologista, era bioquímico, esse era tudo. Lutz era o campeão, era o homem que conhecia tudo. Tem até uma coisa muito engraçada que aconteceu lá numa reunião que fizeram. Então propuseram: “Vamos acabar com a esquistossomose no Nordeste. Como o pato come o caramujo, o negócio é, nos lugares endêmicos, dar um casal de patos a cada nordestino. Desse casal de patos, eles se reproduzem e soltam os patos,

os patos vão comendo os caramujos – é uma forma de exterminar com os caramujos”. Então ele levantou e disse: “Mas é preciso primeiro alimentar os nordestinos, porque senão alimentar os nordestinos, a primeira coisa que eles vão fazer é comer o casal de patos, aí não adianta, não é a solução”. Ele era formidável, o Adolfo Lutz. Foi quem avisou o governo, fez um alerta muito grande sobre a entrada da malária aqui. Quer dizer, a entrada da malária no Brasil foi negligência, negligência porque ele avisou. Havia aqueles hidroaviões que vinham do continente africano e vinham pra Natal, e o no bojo daquilo então ele preveniu que os hidroaviões deveriam ficar mais ou menos a 1 km de distância do continente e serem expurgados lá antes de pousarem no território brasileiro. Que no bojo deles poderia vir o mosquito transmissor da malária e que o Governo fizesse uma lei, que o avião que viesse da face da África, do continente africano, parasse pra ser expurgado a 1 km de distância, porque o mosquito não tem um vôo tão longo assim. Aí depois do expurgo, então, pousava no continente. Mas não tomaram essa providência, então foi quando a malária apareceu aqui e veio pelo Nordeste afora e foi uma calamidade muito grande. Se tivesse dado ouvido às palavras dele, o que ele determinou que fosse feito, talvez nós não tivéssemos tido esse problema de malária aqui no Brasil. Ele era um homem de uma capacidade, de uma inteligência espetacular. Eu trabalhei com ele também um tempo. Enfim, eu acho que... Havia os mais extrovertidos e havia também os introvertidos, mas que eram homens muito bons que ensinavam a gente, aquela vontade que a gente aprendesse pra pode colaborar melhor com eles. Não havia essa coisa...Hoje em dia também tá modificado, já não há mais esse tipo de cidadão que esconde as coisas, faz as coisas escondidas – não existe mais, mas em outros lugares aí fora existia. Eles não deixavam ninguém tomar conhecimento daquilo que eles estavam fazendo. Os pesquisadores daqui eram francos, ensinavam a gente, sabiam, mostravam, porque é, quê que pode acontecer, quê que vai acontecer, “eu tô fazendo isso porque...”, “a finalidade vai ser essa, assim, assim”... Então a gente sentia vontade de poder colaborar com eles – não tinha um que não tivesse essa opinião. Eu aprendi muita coisa porque, com os demais colegas, a gente corria o laboratório, não tinha só um ponto de referência – era chamado pra trabalhar com o pesquisador tal. De maneiras que a gente fazia rodízios e a gente acabava aprendendo todas as coisas e se tornava um técnico completo, como o que deve vir aí, o Atílio – o Atílio é um técnico de primeira ordem, o que aquele rapaz sabe, muita gente não sabia ou não sabe até hoje. O Cunha era outro técnico experimentadíssimo.

WH – Tinha o Venancinho também?

FG – Também, o Venancinho também. Venancinho fez muita campanha também – muito inteligente. Eu acho que eu contei, tenho a impressão que contei, que nós tínhamos, de dois em dois meses, chegava uma remessa de 50 a 60 vitelos pra poder manipular a vacina variólica. E a vacina variólica era feita com... raspava o lado do vitelo e fazia uns talhos entre a costela e pegava polpa com vírus e semeava naquele ferimento entre as costelas do vitelo. Ali criava uma inflamação, o vitelo tinha febres altíssimas e dali é que o vírus fazia evolução. E aquele pus que era colhido daquela ferida que dava entre as costelas do vitelo, depois de determinado tempo, é que com a evolução do vírus, o vírus então passa à condição de imunizar. Então aquela polpa era colhida, era colhida aquela polpa com material todo esterilizado e aquilo era preenchido naqueles tubinhos. Aquele pus é que era a vacina. Então o vitelo ficava imprestável pra outra qualquer coisa e mesmo assim não se podia, de dois em dois meses, ter 50 bois aqui dentro. Então tinha que sacrificar aquele vitelo e aquele vitelo vinha pro refeitório, pra fazer alimento, pra fazer parte da alimentação do pessoal, porque era uma carne limpa. Porque o vitelo não tinha nada em si, só tinha aquela febre, depois passava, o vitelo ficava bom novamente, não tinha problema nenhum. Então matava cinco vitelos por dia depois de retirada a vacina. Então o Magarefe dava um pedacinho pra

cada um da carne, porque era muito volume de carne, não se tinha muita geladeira naquele tempo, não se tinha muito congelador. Era muito volume pra guardar aquela carne toda. Quer dizer, uma parte ia pra cozinha do refeitório e outra parte o Magarefe dava um pedacinho a cada um. Então, nos dias de matança de vitelo, cada um fazia seu embrulhinho de carne de vitelo e descia por um caminho beirando a estrada. Então eu viajava com ele do lado do motorista – ele viajava no banco de trás, era um Buick grande, e eu viajava do lado do motorista, ia pra cidade com ele. Eu ficava na cidade, ele ia pro Café da Ordem tomar o chá dele lá com os amigos dele e o motorista voltava, vinha embora. Então às vezes, ele saía assim quase na hora da saída do pessoal, à tardinha, então o pessoal ficava apavorado com aqueles embrulhos, e ele, quando ele olhava de longe, aí eu ficava espiando pelo retrovisor grande, eu ficava olhando pelo retrovisor a atitude dele. Ele via aquele pessoal com aqueles embrulhos, porque ia tudo pra um lado só. Aí sabe o quê que ele fazia? Ele fazia assim: começava a olhar pro outro lado como se tava olhando qualquer coisa do outro lado e o pessoal toca a esconder, uns no mato, e eu olhando a atitude dele. Depois que passava o pessoal é que ele olhava pra frente, pra não humilhar, com o espírito de não humilhar aqueles trabalhadores que iam descendo com embrulhos que ele já sabia mais ou menos o que era. Um dia ele me perguntou: “Escuta, Francisco, porquê que esses rapazes, quando meu carro aponta, eles começam a esconder de mim?” “Eu disse: “Olha, Dr. Chagas, o negócio é que, o senhor sabe, sobra muita carne de vitelo. O Magarefe então distribui um pedaço de carne pra cada um. Uns gosta mais de mocotó, então leva mocotó, outros gosta mais disso, daquilo...”. Aí ele disse: “Mas eles não precisam fazer isso. Você diz a eles que eu é que ordenei a distribuição da carne de vitelo pra todos aqueles que ganham salários pequenos. É ordem minha, que eles não precisam fazer isso.” Aí, certo dia, ele pegou cinco ou seis que ia com embrulho. No outro dia ele pegou de sopetão, que foi na saída da curva. A turma, no outro dia, tava apavorada: “O Dr. Chagas me viu com aquele embrulho.” Eu digo: “Ah, tem uma surpresa pra vocês. Sabe o que ele me disse o seguinte: pra vocês não fazerem isso não. Uma, que ele quando vê que vocês vão com o embrulho, vocês nunca repararam que ele é quem determinou que a carne fosse distribuída pra vocês.” Aí eles ficaram chateados, porque o Magarefe só dava a parte da carne pior pra eles. “Miserável, a gente tava pensando que era favor que ele tava fazendo à gente. Que favor nada, o homem é que deu ordem, é que determinou”. Aí eles já exigiam: “Não, eu quero a carne tal, eu quero isso, eu quero a pá, eu quero isso”. Aí já exigiam do Magarefe. Já não aceitavam mais o que o Magarefe queria dar não. Ele era um homem formidável, sabe? Teve um caso aí que se deu com o Ambleto, que ele vai contar.

WH – Se deu com?

FG – Com o Ambleto – é o próximo que vem fazer entrevista aqui. Um caso também de humanidade. Ele, quando foi diretor de saúde pública, tinha um hospital ali no Engenho de Dentro, as máquinas de lavagem estavam quebradas. Então eles davam as roupas pra umas lavadeiras lavarem a roupa do hospital, as roupas dos doentes. Então o sujeito encarregado que tinha a verba que era encarregado do pagamento das lavadeiras, começou a desviar a verba, e as lavadeiras, coitadas, já estavam... Viviam exclusivamente daquilo, elas tavam quatro meses com o pagamento sem receber. Então, uma delas mais corajosa, resolveu ir até lá falar com o Dr. Chagas. E chegou lá no departamento de saúde, o contínuo não quis deixar ela falar com o Dr. Chagas. Ela aí começou, criou ali uma polêmica ali. E ele lá de dentro escutou e veio cá fora e disse: “O que está acontecendo?”; “Não, essa senhora e tal.”; “Ah, mas ela tem o direito, se ela quer falar comigo, ela tem o direito de entrar e falar comigo. O senhor não pode proibir ninguém aqui de falar comigo. Esteja em traje que for, seja quem for, o senhor não tem autoridade pra proibir. Minha senhora,

aguarde cinco minutos que eu estou terminando uma entrevista com uma pessoa. Assim que essa pessoa sair, a senhora entra pra falar comigo.” Aí...

Fita 4 - Lado B

FG – ... Disse: “É, doutor, aqui eu sou lavadeira do hospital, lavo roupa, só vivo disso, tenho filhos e o pagamento da lavagem de roupa tá atrasado quatro meses. Então eu vim falar com o senhor, pedir pelo menos um adiantamentozinho pra poder alimentar meus filhos”. Ele estranhou, disse: “Ué, mas essa verba de lavagem de roupa eu tenho dado autorização todo mês”. Aí chamou o encarregado lá do pagamento da verba de roupa: “Me dá essa explicação, porquê que a verba dessas lavadeiras não estavam sendo pagas.” Aí houve uma confusão tremenda e todos os que estavam metidos nesse complô foram demitidos. Ele arranjou uma outra verba, um continente de dinheiro pra pagamento das lavadeiras e ainda disse que qualquer coisa que houvesse em atraso no pagamento delas, que elas fossem, lá reclamar com ele. E propôs a demissão de todos os que estavam envolvidos nessa trama – um homem justiceiro, muito justiceiro, bom, espírito fraternal. Não porque eu tenha transferido quase que o meu afeto pra ele que eu digo isso não, porque ele era, de um modo geral, bom pra todos, com um espírito formidável, sabe? Se a senhora tivesse que falar com ele qualquer coisa, fazer qualquer reclamação, na mesma hora ele tomava atitude, não permitia injustiça de jeito nenhum. Qualquer sujeito que estivesse sendo injustiçado que o procurasse - porque ele às vezes não tava sabendo de nada, das injustiças que estava acontecendo - mas se procurassem ele, ele na mesma hora ele fazia justiça. Um homem justiceiro, muito bom, tratava todos com uma amabilidade muito grande, um espírito super evoluído.

WH – Havia muito respeito por ele.

FG – Muito respeito, o pessoal respeitava. Ele dava aquele cumprimento assim de cabeça, então a gente respondi com cumprimento de cabeça também: “Bom dia, doutor”; “Bom dia”. Era homem de... Eu levava o material pra ele. O Magarinos Torres é que preparava as lâminas pras aulas dele de saúde pública lá no Hospital de São Francisco. Então eu levava as lâminas da aula do dia e ficava assistindo. De maneira que eu nunca vi – sem ser esse caso, nunca vi outro – dos alunos terminar a aula a aplaudir batendo palmas aplaudindo, batendo palmas pra ele nas aulas. Aí ele chamava um grupo de três, quatro, mostrava no microscópio, explicava, ia pro quadro negro, dava umas aulas formidáveis. Os alunos aplaudia ele de pé, o que não acontecia com outros professores.

WH – Não havia nenhum grupo que tivesse atrito com ele?

FG – Não, nunca. Respeitavam ele demais; era aquele respeito sacerdotal que eles tinham por ele – também, com aquele espírito paternal, ensinava com aquela delicadeza, e qualquer pergunta que os alunos faziam, explicava com aqueles detalhes, nos mínimos detalhes.

WH – Eu queria te fazer uma pergunta, você fala, em uma entrevista que você deu pro Herman Lent, de várias gerações de pesquisadores. Fala da primeira geração – a geração Oswaldo Cruz – da segunda geração, da terceira... Você explica que existem diferenças entre essas gerações de cientistas, até chegar ao último... que você poderia dizer a respeito disso?

FG – Não, eu peguei até a 3ª geração. Primeiro peguei a 1ª, 2ª e 3ª geração de pesquisadores daqui. Essas três primeiras gerações... eu acho que o desempenho da 1ª não deixa dúvida; a 2ª também foi

muito boa, igualou a 1^a - porque eu peguei a 1^a já no final. Peguei a 2^a e peguei a 3^a geração que também não ficou devendo nada à 1^a nem 2^a gerações de pesquisadores de alto gabarito. Trabalhei com quase todos eles, 3^a geração também...

WH – Na 3^a geração, você trabalhou com quem?

FG – Na 3^a geração eu trabalhei com o Geth Jansen - foi a 3^a geração que eu conheci -, Evandro Chagas, Pedro Fontana, Emilio Mettidieri, Luiz Augusto de Abreu, Mário Vianna Dias, Tito Cavalcanti, Haity Moussatché, Herman Lent, Walter Oswaldo Cruz, Emanuel Dias, Augusto Perissé, Moacir de Andrade, Fernando Ubatuba também – Fernando Ubatuba, trabalhamos juntos muito tempo, espetacular, cientista de alto gabarito – Héllion Póvoa Filho – Héllion Póvoa era de uma capacidade fora do comum - é uma pena ele agora se recusar a colaborar com o Instituto Oswaldo Cruz por falta de tempo. Aliás, ele pertence ao corpo de pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz - é uma pena ele se recusar a voltar ao Instituto, mas ele continua pertencendo ao corpo do Instituto Oswaldo Cruz. Atualmente ele é a nata dos pesquisadores aqui no Brasil. Héllion Póvoa Filho, é uma pena que não esteja colaborando com o corpo técnico-científico daqui do Instituto Oswaldo Cruz, porque atualmente é um dos cientistas mais... que eu conheça, que pertença ao corpo técnico-científico de Manguinhos, eu acho que ele a nata dos que pertencem ainda. Claro que tem outros mais ainda do mesmo quilate, mas Héllion Póvoa é flor da ciência brasileira.

WH – Ele é especialista em quê?

FG – Ele é bioquímico e patologista clínico. Ele é um grande bioquímico. Ele ainda faz parte, mas ele já pediu várias vezes demissão e o Instituto não aceita a demissão dele. É uma pena que ele não tenha tempo – ele faz isso porque não tem tempo, porque as atividades dele é múltipla: aí ele tem atividade de professor-titular de patologia clínica na Universidade do Rio de Janeiro, ele dá assistência nas Pioneiras Sociais, ele é chefe também do laboratório de patologia da Light. De maneira que não sobra tempo pra ele. Então como ele não tem tempo de pesquisar aqui mais, ele tá pesquisando na Universidade do Rio de Janeiro. Mas é uma pena que o Instituto Oswaldo Cruz não consiga que ele retorne aqui, pra pesquisar aqui no instituto Oswaldo Cruz. Ele continua pesquisando, porque é um pesquisador formidável, nasceu pra pesquisar. É uma pena que isso aconteça – por alta de tempo, não porque ele tenha qualquer coisa contra o Instituto, mas fala de tempo. Ele não tem disponibilidade de tempo mais pra fazer qualquer coisa aqui no Instituto. Então como ele não quer fazer as coisas pela metade, ele prefere então, já que ele tem outros lugares para pesquisar, ele tá pesquisando na Universidade do Rio de Janeiro, mas eu fico com pena, porque seria uma grande ajuda aqui nas pesquisas do Instituto Oswaldo Cruz. Tem muitos mais outros que não vem agora na mente. Já falei no Emílio Afonso Mettidieri - pesquisador de alto gabarito também, Regina Raposo de Abreu... São pessoas que eu convivi muitos anos e conheço profundamente essas pessoas; se entregavam de corpo e alma à pesquisa. É uma pena que essas pessoas não estejam aqui no Instituto também. Porque é a tal coisa: eles não quiseram deixar de ser estatutários, né? Porque eu acho que a diferença não é nenhuma de o sujeito pertencer a uma instituição que é regida pela CLT ou uma instituição que seja mantida oficialmente pelo Governo Federal – essa é que é a única questão deles. Também houve algumas coisas na passagem disso pra Fundação, houve muita coisa aqui que não deveria ter acontecido.

WH – Por exemplo.

FG – Houve evasão de laboratório, houve coisas assim desse gênero que trouxe um mal-estar muito grande na época. Por exemplo: aqui na bioquímica, houve uma verdadeira evasão. Quer dizer, o dinheiro entrava e queriam determinar coisas lá dentro do laboratório. Tinha que ser assim, tinha que ser assado e isso eles não permitiam.

WH – Que época foi isso?

FG – Foi na época que isso passou a Fundação. Isso trouxe alguns aborrecimentos, daí é que surgiu então os aborrecimentos. Mas depois isso cessou. É a tal coisa, isso era no princípio, as pessoas têm que saber que tudo evolui, que há uma evolução, nada fica parado, tudo modifica, tudo evolui. Então a gente tem que acompanhar a evolução. Eu sou desses que acha que a evolução ninguém pode impedir, o progresso ninguém pode impedir. Isso talvez esteja melhor do que estava em outra época, porque conta com mais verbas, tem mais autonomia... Eu sou desses que acha que isso ter passado pra Fundação não foi degradação nenhuma pro Instituto. Foi uma forma de trocar um pouco o tipo de organização, de orientação. Isso em toda parte do mundo existe e eu acho que a Fundação Oswaldo Cruz está muito bem amparada, ainda mais essa atitude que vocês tomaram agora de preservar isso no lugar onde estava. Isto é uma coisa formidável de não deixar isso se diluir. Eu acho que a administração do Instituto tá muito certa, essa preservação que vocês estão dando, mantendo o Instituto no seu pedestal que devia estar e que sempre viveu. Eu acho isso muito importante, nunca fui contra isso nem sou. Mas é a tal coisa: tem muitas pessoas que não se conformam, acham que o Instituto tinha que seguir aquele mesmo caminho e eu acho que as coisas têm sempre uma tendência a modificar. Tá lá o Instituto Merrieux, que pertencia ao Governo Francês e hoje é uma instituição independente igual ao Instituto Oswaldo Cruz, e sobrevive fazendo pesquisa e produzindo vacinas. Então isso não é nenhum desprestígio pro Instituto – o Instituto tem a sua parte científica e tem a sua parte de produção exatamente de coisas que não se fabricavam aqui, como a vacina anti-pólio e outros tipos de vacinas. De maneira que eu acho que essa solução tinha que acontecer. Eu me conformo porque aconteceu para melhor. O Instituto não podia jamais, conforme eu citei a Manqueira, porque era vendida e os laboratórios se insurgiram contra o governo Federal, que o Instituto não podia fazer vender produtos terapêuticos porque fazia concorrência a eles. Então essa coisa, o Instituto tá livre agora, nenhum laboratório pode se insurgir e dizer que o Instituto não pode fabricar vacinas porque tá fazendo concorrência a eles. Que dizer, se abriu aqui um elo para que o Instituto possa fazer as coisas em benefício do país, fabricar coisas que nós compramos que importávamos lá de fora, o que é muito importante. Mas tem pessoas que acham que isso não deveria acontecer. Então não se conformam.

WH – Qual é a justificativa que elas utilizam par tomar essa atitude?

FG – Ah, o Instituto acaba se transformando numa fábrica de remédio, num laboratório terapêutico, não é?, de produtos terapêuticos. Mas não é isso que acontece. O que acontece é que o Instituto continua pesquisando em parte de pós-graduação, em cursos de especialização. Então o Instituto não fugiu do seu caminho. Então atende um lado e atende o outro, não é isso? Eu acho que o Instituto deveria tomar esse caminho mesmo, porque tava atado: não podia fabricar vacina, não podia fabricar isso, não podia porque os laboratórios iam se insurgir e dizer que era concorrência. Então, tinha que tomar uma outra forma de administração pra poder cumprir com sua obrigação de uma verdadeira casa de ciência e ajudando o país em fabricação de vacinas em que o país importava, que se torna em economia para o país – em vez de importar, fabrica suas próprias vacinas aqui para consumo nacional e se possível até para ser vendido, porque aí é uma forma de

entrar divisas. Nesse ponto de vista, eu tô em desacordo com eles, mas eles se sentiram muito com essa transformação do Instituto passar a um regime de Fundação.

WH – Em que ano foi isso? Você se lembra?

FG – Isso eu não sei – logo quando começou a... que o Instituto passou ao regime de Fundação. Tem um até... como é o nome dele? Ah, Adolfo Furtado. Ele ficou tão indignado, mas tão indignado do Instituto ter passado a regime de fundação, não se conformou de jeito nenhum, de forma nenhuma. Ele preferiu ser médico da Alfândega do Galeão do que continuar pesquisando aqui, porque não se conformou de jeito nenhum do Instituto ter passado a um regime de fundação. Um homem maravilhoso, o Prof. Adolfo Furtado, mas não se conformou não sei porquê, e nós perdemos aí uma quantidade de pesquisadores de alto gabarito só por esse motivo: porque eles não concordaram em serem regidos pelas leis trabalhistas – só apenas isso.

WH – Mas não havia problemas em relação à pesquisa? As verbas continuavam...

FG – As pesquisas iam continuar da mesma forma, eles não iam parar porque isso passou a Fundação. As pesquisas não continuam até hoje? Então ia continuar, mas só a inconformidade que eles tinham de não serem pagos diretamente sob um regime estatal, deixaram de ser estatutários pra ser celetistas. Eu até convivo com eles; eles estão todos no Instituto de Câncer, são pesquisadores de alto gabarito. É uma pena que isso tenha acontecido, porque todos podiam tá aqui, mas só essa coisa de não quererem passar de estatutário pra celetista... Quê que vai se fazer? Cada um pensa a seu modo. Eu acho que o Instituto tinha que tomar uma nova forma, porque tudo evolui no mundo, tudo toma seu caminho e sua evolução. Eu acho que o Instituto tá sendo prestigiado internacionalmente, continua com seu prestígio apesar de ser fundação, de ser isso e aquilo – o nome do Instituto continua a ser prestigiado no exterior. Aqui e no exterior, todo mundo fala no Instituto Oswaldo Cruz, o Instituto é respeitado. Então não é por estar regido por essa forma ou por aquela forma que desprestigia o Instituto. O Instituto tá em boas mãos. Eu acho que tá cumprindo fielmente a sua obrigação, o seu dever como um centro de pesquisa de valor internacional – isso não trouxe nenhum desprestígio pro Instituto, essa forma de direção. E eu acho que agora, essa atitude de vocês preservarem o instituto no que era, eu acho isso dignificante, sabe? Eu, francamente, estou entusiasmado, estou verdadeiramente entusiasmado, porque eu tô vendo que o Instituto não parou. Ele continua, e vocês dando esse prestígio, essa força, e cada vez procurando melhorar mais o Instituto. Vocês estão fazendo o que deveria ser feito mesmo, não tá deixando o Instituto se diluir por aí a fora. Isso é uma coisa dignificante pra mim, eu fico muito feliz.

WH – Você falou que trabalhou com três gerações de cientistas aqui dentro do Instituto. Você tem noção da 4ª geração? Como é que ela tá, como ela se formou, como é que ela tá trabalhando, as condições da pesquisa?

FG – Não, porque a 4ª geração já é uma geração que eu já estava aposentado. Já estou aposentado há quase 20 anos, então já não tomei assim contato com a 4ª geração. Que dizer, eu peguei o final da 1ª geração, peguei bem a 2ª e a 3ª geração. Agora, a 4ª, eu já estava aposentado, aí não tive mais contato assim com o pessoal que foi contratados pra 4ª geração de pesquisadores do Instituto.

WH – Em 1961, o Joaquim Travassos é o diretor deste Instituto até 1964, quando acontece o golpe militar. Como é que isso se refletiu dentro do Instituto?

FG – O Joaquim Travassos fez uma boa administração. Agora, a Revolução de 64 trouxe assim um mal-estar muito grande, por causa, talvez, de pessoas que quiseram enlamear o nome do Instituto, talvez até por (INAUDÍVEL) não sei porquê, mas que isso era um lugar onde os cientistas eram todos subversivos, de idéias extremistas, e começou um mal-estar. Então daí pra cá é que começou este grande mal-estar. Foram todos chamados a depor – e ninguém cuidava de política aqui no Instituto; ninguém cuidava de política. Política aqui era uma coisa à parte, ninguém discutia nem conversava política. Deus me livre se Miguel Osório de Almeida, por exemplo, tolerasse que um dos auxiliares deles conversasse sobre política dentro do laboratório. Não havia essa conversa; a conversa gira em torno de pesquisa, de ciência, nada de política. Quem tinha suas idéias... que ninguém pode proibir que uma pessoa tenha uma idéia qualquer, mas...

Fita 5 - Lado A

FG – ... eu fui considerado um homem de alta periculosidade, fui considerado um terrorista perigosíssimo. A senhora vê aí, eu nunca professei idéia política nenhuma, nunca me filiei a partido político nenhum. Então, pelas maledicências de um cidadão, o sujeito se torna, de uma hora pra outra, pior do que o terrorista mais famoso do Brasil, capaz de botar bombas embaixo dos prédios que acabassem com todo o Instituto Oswaldo Cruz. Quer dizer, essas idéias loucas foi que trouxe esse mal-estar no Instituto – todos foram considerados subversivos, sem ninguém tomar... O Emílio Mettidieri, quando foi chamado a depor, o Dr. Olympio, que era da comissão civil, perguntou a ele se tinha idéias comunistas. Ele disse: “Não, inclusive eu sou católico, eu nunca professei idéias esquerdistas.”; “É, mas seu nome está aqui, que o senhor é um homem esquerdista de alto escalão.” Ele disse: “Bem, então o senhor vai me dizer o nome dessa pessoa que me indicou aqui como esquerdista.”; “Eu vou mandar chamar.” O Dr. Olympio foi de uma moral muito grande, teve uma moral muito grande no inquérito. Aí mandou chamar a pessoa que indicou ele, que foi o Dr. Guilherme Lacôrte. Disse: “Então, Lacôrte, como é que você acusa uma pessoa sem você saber?” Ele disse: “Não, eu disse é porque escutei falarem por aí.”; “Mas porque você escutou falarem por aí... isso é uma coisa muito grave, ainda mais na situação que nós estamos atravessando, é muito grave. Não é admissível que você possa nos declarar isso num inquérito.” Então aí que o Mettidieri disse: “Olha, só se ele me considera comunista porque eu fiz uma campanha intensa pra que o filho dele fosse eleito deputado federal e o filho dele pertence à UDN.” O Dr. Olympio: “Não, mas esse negócio de dizer por aí... num inquérito a gente só fala a verdade, aquilo que a gente sabe o que está dizendo e o que é, não por ter ouvido por aí essas coisas.” E comigo, eu fui considerado um dos maiores terroristas, capaz de botar bombas embaixo...

WH – Você foi chamado pra...

FG – Eu fui chamado ao inquérito também, mas aí, felizmente, o general que me inquiriu...

WH – Quem era o general?

FG – General Falcão. Ele disse: “Olha, você senta aí, fique a sua vontade, pode relaxar que eu vou te fazer umas perguntas só porque você atualmente é o funcionário mais antigo que tem aqui no Instituto e talvez você possa esclarecer algumas dúvidas que eu preciso aqui. Mas não há nada contra você. Você pode relaxar, ficar à vontade.”; “Não, senhor, o que o senhor fizer a pergunta, eu respondo fielmente.” Perguntou, fez uma série de perguntas e eu respondi todas. Perguntou

sobre um vatapá subversivo... Eu digo: “Nunca existiu isso, nunca existiu esse tal vatapá subversivo, não sei a quê que o senhor está se referindo”; “Não, é um vatapá que faziam e os cientistas todos se reuniam nesse vatapá pra tramar idéias subversivas.” Eu disse: “Não, jamais aconteceu isso.” É porque...não sei, eu já contei isso. De formas que, então, eu disse ao general. “Olha, não aconteceu nada disso, nunca houve essa coisa. Cada um que, se tinha as suas idéias lá, e na cabeça, mas que manifestasse aqui.”; “Ah, mas você nunca foi assim induzido a qualquer coisa de esquerdista?”; “Não, nunca. Nunca ninguém me falou em política aqui dentro. Nunca ninguém me convidou a ingressar no partido tal, nem partido esse... Eu sempre tive as minhas idéias, de maneiras que não sou extremista, não pertencço a partido nenhum e, como prova disso, eu até estou fora... um pouquinho fora da lei, porque deixei de votar em três eleições. Se eu fosse um sujeito esquerdista, é claro que eu ia procurar votar nos candidatos, não ia faltar às eleições – só votei na quarta eleição, porque o juiz disse que mandava me prender se eu deixasse de votar na quarta eleição. E tenho comigo as multas que eu paguei por ter deixado de votar.” Ele disse: “Não, eu faço essas perguntas porque é minha obrigação de fazer”. Eu disse: “É”. Então foi esse mal-estar, esse mal-entendido que houve aí de alguém que procurou, por inveja, por despeito, querer derrubar os colegas, os companheiros e que se deu essa coisa toda aí. Desmoronou, acabou, o Instituto aí acabou. O pessoal se desgostou com es coisa. Walter Oswaldo Cruz, por exemplo, foi um homem que o que ele conseguiu de verbas e de aparelhagem aqui pro Instituto Oswaldo Cruz, eu acho que não aparece um outro. Verbas internacionais... Entretanto, Walter Oswaldo Cruz foi um dos mais perseguidos aqui dentro. Ele já estava no final da vida, porque ele ficou muito sentido, muito deprimido por causa dessa situação dele não poder pesquisar livremente por causa de perseguição, ficou muito deprimido, emagreceu, ficou... o homem perdeu parece que 30 kg de peso corporal e ainda obrigavam, ele já passando mal, obrigavam ele subir essas escadas aí pra marcar o ponto no relógio.

WH – Nessa época, então, houve uma série de atritos internos também com a diretoria. Isso se refletiu seriamente nas pesquisas?

FG – Ah, como sempre, deve ter refletido. Isso refletiu com a administração da época, refletiu muito, mas muito mesmo. Porque aí seria pesquisa vigiada, pesquisa controlada, aí não dava. O pesquisador tem que ter idéia livre de pesquisar o que quer e fazer o que quer e o que bem entende. O pesquisador controlado, dele só fazer aquilo que é determinado, isso não se justifica, não se coaduna com a situação de cientista. E isso trouxe um mal-estar muito grande. Depois de 64, isso aí foi a derradeira derrocada em Manguinhos.

WH – Houve muitas acusações internas como no caso do Lacôrte e do Metidieri?

FG – Houve, houve muitas acusações, houve muita sim, mas não de pesquisadores pra pesquisadores. Dois cidadãos só criaram esse ambiente todo.

WH – Quem eram eles?

FG – Bem, um a senhora já deve sabre quem é, que é o pioneiro e o outro é o Dr. Lacôrte. Um a senhora já sabe quem é, não convém...

WH – Mas os dois eram pesquisadores daqui.

FG – Não eram. O que estava mesmo no pedestal da coisa não era pesquisador de coisa nenhuma, não pesquisava nada, não tava com nada – tinha é despeito e inveja dos outros, porque os outros pesquisavam. Então ele, despeitado, criou esse ambiente todo de terror. Mesmo com aqueles que ele tinha certeza que ele não podia de jeito nenhum incluir nesse lado de subversivo, então esses ele transferiu daqui.

WH – Mandou pra onde?

FG – Mandou pro Hospital Pinel. Quer dizer, os homens não eram clínicos, não eram psiquiatras e ele mandou pra um hospital de doentes mental. Quer dizer, os homens eram médicos, mas pesquisadores – não eram, nem clínicos nem psiquiatras. Quê que esses homens iam fazer no Hospital Pinel? Não iam fazer nada. Então acontece que o diretor disse: “Olha, vocês vieram pra aqui, mas o quê que eu posso fazer? Vocês não são clínicos, não são psiquiatras, quê que eu vou fazer com vocês? Não tem jeito, não vou obrigar a entendem de psiquiatria ou de clínica? Não entendem nada. Então vocês passam a vir aqui se quiserem e assinam a frequência todos os meses e propor suas atividades de pesquisador onde vocês possam pesquisar, porque eu não posso manter vocês aqui. Será um crime manter pesquisadores aqui, que não são clínicos nem psiquiatras, pra fazer o quê aqui? Fazer serviço burocrata? Não, de jeito nenhum. Vocês passam, assinam a frequência todo mês e procuram se instalar num lugar onde vocês possam continuar suas pesquisas”. Foi quando eles procuraram outras... uma Universidade e continuaram pesquisando, ensinando e pesquisando. Esses foram os que ele não pôde de saída incluir na classe de subversivo, não podia de jeito nenhum. Mas os outros todos foram considerados subversivos, foi um mal-estar muito grande. Foi a derrocada do Instituto Oswaldo Cruz. Liquidou, acabou, acabou com o Instituto. De maneiras que eu, nessa altura, procurei sair fora antes que eu também entrasse numa lista de cassação. Eu tava pra entrar, quem me tirou - eu até vou mandar rezar uma missa de ano agora - foi Geth Jansen. Eu trabalhei com ele no nordeste e o Geth Jansen tava, como ele fez o curso da Escola Superior de Guerra, ele estava com função no Gabinete. Então quando o diretor botava meu nome na lista de cassação, ele tirava, dizia: “Você não pode fazer isso com esse homem de jeito nenhum. Esse homem prestou grandes serviços ao Instituto. Este homem viajou comigo, esse homem viajou comigo pelo nordeste, levou três anos viajando comigo, arriscando a vida e eu não vou consentir que você faça um ato de maldade com esse homem. Esse homem, você não me faz mal nenhum a ele, porque eu não consinto”. Como ele tava em escala no SNI num posto mais do que o que estava mandando na época, então ele tinha o poder de tirar meu nome e me avisou: “Olha, você se aposenta o mais rápido possível - porque minha vontade era permanecer até hoje no Instituto – Você se aposenta o mais rápido possível, que a situação sua aqui tá perigosa e eu tenho medo, dado ao cargo que eu estou agora. Eu estou no SNI e posso ser chamado pra prestar serviço num outro lugar qualquer aí e você fica sem cobertura aqui dentro. Você ficando sem cobertura, você vai se cassado, você vai se punido pelo ato institucional. Você se aposenta o mais rápido possível.” Aí é que eu me apavorei e requei, assim mesmo eu encontrei muita dificuldade.

WH – É você me contou.

FG – É, muita dificuldade pra poder me aposentar.

WH – Mas mesmo depois de aposentado, o senhor continuou vindo.

FG – Ah, vinha, vinha, graciosamente.

WH – Trabalhava com o Dr. Villela, não é?

FG – É, com o Dr. Villela, vinha graciosamente.

WH – Como é que era essa época? Como é que se vivia o clima aqui? O que acontecia no dia-a-dia do Instituto?

FG – É, chegou até a ponto de ele me proibir de entrar aqui dentro do instituto Oswaldo Cruz. Mas como eu tinha me comprometido que eu ajudaria o Dr. Villela, ainda mais nessa linha de pesquisa que ele estava fazendo na época...

WH – Ele estava trabalhando com...?

FG – Ele estava trabalhando com uma enzima do sangue de serpente, uma enzima com sangue de serpente e o veneno também da mesma espécie de serpente. Então, como eu tava acostumado a lidar com esse negócio de serpente, eu não quis abandonar. Como eu disse a ele: “Vou até o fim, mesmo sendo proibido aqui pelo diretor, vou continuar vindo aqui”. Ele me proibiu, eu me queixei ao general que ele tava me proibindo, o general me autorizou: “Você pode vir, entrar a qualquer hora que você queira aqui. Ninguém te proíbe de entrar aqui.” Então, são... foi essas manias, essas coisas que acabou com o Instituto Oswaldo Cruz, infelizmente. Mas graças a Deus, passou essa fase, eu acho que o Instituto tá sendo muito bem administrado, tá no ponto que ele deveria estar. A orientação tá sendo muito bem feita. Eu considero todas essas atitudes que vocês tão tomando aí, atitudes que merecem elogio, porque não deixou o Instituto abaixar ao nível de que muita gente talvez gostaria. Muita gente gostaria que o Instituto baixasse de nível. O Instituto continua sendo aquela mesma força que era, que sempre foi.

WH – Outra pergunta: nessa época, depois de 1964, com todos esses processos, esses inquéritos que estavam acontecendo, foram muitos, qual foi a posição tomada pelas pessoas que trabalhavam aqui no Instituto? Houve uma resposta em relação a essas atitudes?

FG – Não, porque não era permitido. Nós estávamos num regime em que ninguém podia dar opinião sobre isso ou aquilo. Então ninguém se podia manifestar contra – a única coisa que se podia fazer era cada um procurar um lugar e ir embora, porque aqui já estava um ambiente irrespirável. Era perseguições em cima de perseguições, mas sem ninguém poder reagir a nada. Ninguém reagiu. O que ainda teve um pouco de petulância e que reagiu um pouco foi o Herman Lent – Herman Lent - ele ainda teve momentos de reação aí contra essa derrubada, essa coisa que tava sendo feita no Instituto. E vou lhe contar, foi bom esses cientistas que andaram morrendo antes dessa derrocada, porque eles seriam também acusados de subversivos, foi muito bom eles terem morrido pra não terem sofrido o que os outros sofreram como o Lauro Travassos, por exemplo. Lauro Travassos era um homem que, na especialidade dele - ele era entomologista e era helmintologista - todo trabalho de helmintologia que era publicado na Rússia, na biografia, na bibliografia trazia o nome dele, a citação do nome dele. Todo trabalho dentro da especialidade dele, o nome dele saía lá na bibliografia, constava o nome dele na bibliografia. Os trabalhos dele eram universais, lidos no mundo inteiro. Esse homem seria perseguido se fosse vivo. Então seria uma tristeza. Costa Lima, inclusive até, vou lhe dizer, até Miguel Osório de Almeida, seria perseguido nesse andar dessa carruagem. Thales Martins, que teve na Rússia muito tempo. Eles seriam perseguidos, fatalmente

perseguidos se ainda estivessem vivos, se tivessem em atividade. Então foi bom mesmo que eles não pegassem essa fase ruim do Instituto – uma fase péssima.

WH – E além dos cassados, houve muitos afastados também, não é?

FG – Afastados, transferidos e afastados. Isso então quebrou o elo, porque ficou um Instituto quase que vazio de pesquisadores. Ficou quase vazio, porque a maioria foram afastados, foram transferidos e outros cassados. Então como bons pesquisadores não andam assim à vontade, o Instituto perdeu muito, ficou com um número muito reduzido de pesquisadores. Foi preciso, depois que formou a fundação, terem contratado pesquisadores pra poder continuar a obra de pesquisa do Instituto. Organizaram cursos de especialização, isso tudo foi muito necessário – foi uma atitude perfeita, veio na hora exata.

WH – É, porque fecharam-se os laboratórios...

FG – Foram fechados.

WH – Os cursos continuaram?

FG – Os cursos pararam tudo.

WH – E as atividades continuaram se desenvolvendo no Instituto depois?

FG – Atividades? Bem, aí eu já tava assim aposentado, não tomei muito conhecimento. Que a gente se aposenta, começa a trabalhar em outra parte, não toma conhecimento nunca do que tá acontecendo onde a gente saiu. Não tenho assim idéia do que poderia ter acontecido. Até enquanto eu estava na ativa, o que aconteceu foi essa derrocada, que infelizmente esse homem criou um problema tão sério no instituto que acabou com os pesquisadores todos que tínhamos aqui, bons pesquisadores. Ficaram alguns, mas a maioria debandou, foram embora, foi uma pena.

WH – A gente está chegando praticamente ao fim da entrevista e... Bom, eu queria saber se você tem mais alguma coisa que a gente tenha esquecido, mais alguma...

FG – Não eu. Assim não. Não me lembro assim de qualquer coisa assim de grande destaque que eu possa declarar aqui. O último destaque foi esse e daí pra cá, não tomei mais conhecimento de nada infelizmente.

WH – Você não continuou acompanhando?

FG – Não, a gente fica ressentido e procura até nem saber o que tá acontecendo, porque a gente quase que foi expulso, então a gente fica meio... Agora não, felizmente a coisa graças a Deus, mudou. Já não tem aquele espírito que estava aquela coisa e a gente tá mais... tanto que isto não podia acontecer – quem era eu pra tá fazendo entrevista aqui? Em outras épocas... eu acho que o Instituto está no lugar que deveria estar, continuo dizendo isso, está muito bem amparado, estão fazendo tudo pra manter o Instituto naquilo que era. Eu me sinto feliz por isso, por saber que o Instituto está sendo bem conduzido, apesar dos pesares, das faltas de verba, talvez do Governo central, não sei se acontece isso, mas o Instituto Oswaldo Cruz está nos eu pedestal. Continua sendo

preservada aqui a memória dos pesquisadores...

WH – Você diria que ele está se recuperando.

FG – Recuperando? Perfeitamente bem. O Instituto está recuperado, não está recuperando. Não, ele está recuperado. Está no lugar que deveria em qualquer administração, fosse administração central ou não fosse, ou fosse administração de Fundação. Está na mesma coisa, na mesma situação que deveria estar em qualquer sistema. Isso não impede, não impediu o Instituto de estar em escala mais baixa... Eu considero o Instituto ainda o maior centro de pesquisa do continente, porque os que eram de São Paulo vinham aprender aqui pra executar em São Paulo. Que dizer, o Instituto é pioneiro e continuou sendo esse pioneiro.